

**RELIGIOSIDADE EM ADOLESCENTES DE DIVERSAS REGIÕES DO
BRASIL**

Guilherme Machado Jahn

Trabalho de Conclusão de Curso – Psicologia
Orientação: Prof. Dra. Débora Dalbosco Dell’Aglio

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Porto Alegre, 2014

Agradecimentos

Agradeço a Deus pela minha vida e por todas as experiências que pude vivenciar.

Aos meus pais, Wilson Manoel e Jacqueline, por todo amor e educação.

Ao meu irmão Rodrigo, grande exemplo de ser humano, que admiro muito.

Ao dindo Ronaldo, que sempre me incentivou os estudos e as atividades culturais.

Ao Gabriel, irmão de vida, amigo desde sempre.

Aos meus familiares, pela convivência, pelo amor e por todos os ensinamentos.

Aos meus amigos, pelas risadas nos momentos felizes e pelo ombro nos momentos de choro. Em especial, à Júlia, Theo e João, companheiros de faculdade e da vida, que tornaram muitos momentos tensos em momentos de descontração.

Ao Luciano, pela convivência, pelo exemplo, pelos ensinamentos, pelas reflexões, pela amizade, enfim, por todos os bons momentos de supervisão.

Aos companheiros do Grupo de Jovens Espíritos, pelos estudos e pela paciência fraterna.

Aos colegas Núcleo de Estudos e Pesquisa em Adolescência (UFRGS), onde aprendi muito sobre pesquisa. Em especial, à Fernanda Nardi, cuja pesquisa foi a primeira que pude acompanhar e às queridas Daniele Penno e profa. Luciana Marques pelas contribuições imprescindíveis neste trabalho de conclusão.

À profa. Débora, por ser um exemplo de professora, cujos ensinamentos ultrapassam as paredes da sala de aula e os muros da universidade. Obrigado pela confiança.

À Fernanda Fontoura, meu amor. A companheira mais importante nos momentos difíceis, com quem quero compartilhar todas minhas felicidades.

“Religião é 99% prática e 1% teoria”

- Wilson Manoel C. Jahn, meu pai

*“Aquele que realmente acredita na
sua própria religião não tem tempo e nem necessidade
de criticar a fé dos outros”*

- Chico Xavier

SUMÁRIO

	Pág.
Lista de tabelas.....	5
Resumo.....	6
I. Introdução	
1.1 Religiosidade: Aspectos gerais.....	7
1.2 Adolescência: Um período de religiosidade.....	8
1.3 Religiosidade e comportamentos na adolescência.....	10
1.4 Religiosidade no Brasil.....	13
1.5 Objetivos.....	15
II. Método	
2.1. Participantes	17
2.2. Instrumentos	17
2.3. Procedimentos e considerações éticas.....	18
III. Resultados.....	19
IV. Discussão.....	22
V. Considerações Finais.....	34
Referências.....	37
Anexos	
Anexo A – Questionário da Juventude Brasileira (Versão II).....	42

Lista de tabelas

Tabela 1. Percentuais de participantes por afiliação religiosa e região do país.....	19
Tabela 2. Médias e desvio padrão dos itens da Escala de Religiosidade.....	19
Tabela 3. Média e desvio padrão da Escala de Religiosidade por opção religiosa.....	20
Tabela 4. Média geral da Escala de Religiosidade por região do país.....	21

Resumo

Estudos sobre religiosidade em adolescentes têm demonstrado uma associação positiva com saúde física e mental e comportamentos sociais saudáveis. Além disso, a religiosidade tem sido tratada como importante fator de proteção na adolescência, sendo associada inversamente a comportamentos de risco, como uso de álcool, drogas e comportamentos antissociais. Este trabalho teve por objetivo investigar a religiosidade em adolescentes de diversas regiões do Brasil. Todos os procedimentos e as considerações éticas foram assegurados e respeitados. Participaram 2573 jovens, 58,1% meninas e 41,9% meninos, com idades entre 12 e 18 anos ($M=15,67$; $DP=1,45$), estudantes de escolas públicas das seguintes cidades, nas cinco regiões do país: Fortaleza (nordeste), Belém (norte), Vitória e Grande Vitória (sudeste), Hidrolândia (Goiás, centro-oeste), Porto Alegre e Rio Grande (sul). Foi utilizado o Questionário da Juventude Brasileira, que investiga fatores de risco e proteção, aspectos relacionados à educação, saúde, trabalho, comportamentos de risco, entre outros. Para este estudo, foram utilizadas as questões sociodemográficas, uma questão que investiga a religião do participante, e uma questão que engloba uma versão adaptada da Escala de Religiosidade. Foram realizadas análises descritivas e inferenciais sobre a afiliação religiosa e os escores na Escala de Religiosidade, observando as variáveis sexo, idade e região do país. Observou-se diferença significativa entre os sexos e entre os dois grupos etários avaliados (adolescência inicial e final), além de diferenças entre afiliações religiosas e entre regiões do país. Destaca-se a importância da religiosidade na etapa da adolescência e as diferenças na manifestação da religiosidade entre as regiões do país, que podem refletir aspectos culturais e sociais.

I. INTRODUÇÃO

1.1 Religiosidade: aspectos gerais

Comportamentos que envolvem religiosidade e espiritualidade têm sido parte integrante da existência humana desde os seus primórdios, embora sua definição ainda apresente controvérsias (Yonker, Schnabelrauch, & DeHaan, 2012). Carl Gustav Jung, por exemplo, entende que a religiosidade é um dos aspectos mais antigos e universais do ser humano, e distingue uma religiosidade natural e originária das formas culturais das diversas religiões (Dalgarrondo, 2008). De qualquer forma, pesquisadores da área da saúde e transtornos mentais devem evitar descuidar do fenômeno religioso, por razão da sua recorrência e implicações na constituição da subjetividade (Dalgarrondo, 2008).

Autores como Miller e Thoresen (2003) destacam a dificuldade de uma definição clara e simples sobre o conceito de espiritualidade, dado o seu caráter multidimensional. Por outro lado, os autores indicam que espiritualidade e religiosidade são mais bem compreendidas como construtos sobrepostos, já que compartilham características comuns e também mantêm aspectos não compartilhados. A espiritualidade tem sido relacionada, de um modo amplo, com a busca pelo sagrado, pelo divino ou por aspectos não-materiais (Good, Willoughby & Busseri, 2011), e relacionada com o transcendente (Miller & Thoresen, 2003). Já a religião geralmente tem sido entendida como um fenômeno institucional, sendo as diferentes religiões definidas por suas características e limites específicos (Miller & Thoresen, 2003). A religiosidade, como fenômeno relacionado à religião e suas estruturas, difere de acordo com cada crença, modo de organização e práticas de cada religião (Good, Willoughby & Busseri, 2011; Miller & Thoresen, 2003). Mas é possível pensar na sobreposição dos conceitos, já que a religiosidade pode ter como foco a espiritualidade (Miller & Thoresen, 2003), da mesma forma que a espiritualidade pode ser buscada de forma religiosa.

Dada a complexidade dos construtos e a dificuldade em defini-los separadamente, alguns autores (Good, Willoughby & Busseri, 2011; Hill & Edwards, 2013) afirmam ser mais útil conceituar um construto único de religiosidade/espiritualidade (R/E), que engloba dimensões múltiplas que incluem tanto formas institucionais quanto pessoais de conexão com o sagrado. A partir desta perspectiva, R/E pode ser definida como

sentimentos e comportamentos que envolvem a busca pelo sagrado e que ocorrem tanto dentro de instituições religiosas ou fora delas (Good, Willoughby & Busseri, 2011).

1.2 Adolescência: Um período de religiosidade

Good, Willoughby e Busseri (2011) mencionaram que muitas pesquisas recentes em religiosidade e espiritualidade têm seu foco em populações adolescentes. A maioria das pesquisas nessa área tem por foco a religiosidade e espiritualidade como um fator de proteção, que pode promover fatores positivos no desenvolvimento, como o desenvolvimento de uma identidade saudável ou engajamento social (Good, Willoughby & Busseri, 2011).

Em outro estudo, Good e Willoughby (2008) exploraram evidências de pesquisas sobre a adolescência e buscaram sustentar a ideia de que esta é um período de sensibilidade para o desenvolvimento da espiritualidade. As autoras trazem a definição de período de sensibilidade como um espaço de tempo (*span*) favorável ao desenvolvimento de certas habilidades, capacidades ou comportamentos. Para as autoras, o desenvolvimento de fatores intrapessoais, cognitivos e neurológicos tornam os adolescentes mais suscetíveis que adultos e crianças à (1) explorar filosofias e ideais espirituais e religiosos, (2) experimentar uma conversão religiosa ou experiência de engajamento com a religiosidade e (3) assumir compromissos espirituais ou religiosos que perdurem ao longo da vida, o que pode ser um comportamento positivo e de promoção de bem-estar para alguns adolescentes.

Em primeiro lugar, Good e Willoughby (2008) mencionam que o desenvolvimento da capacidade cognitiva para pensamentos abstratos, que apresenta incremento na adolescência, permite aos jovens explorarem diferentes ideias sobre conceitos espirituais. Já em relação às conversões religiosas, os autores se basearam em outras pesquisas, que utilizaram tomografia por emissão de pósitrons e que sugeriram que experiências espirituais podem estar correlacionadas com um padrão neural de aumento de circulação de sangue no sistema límbico (que é associado a emoções). Para Good e Willoughby (2008), é possível que as experiências de conversão religiosas estejam em interação com padrões normativos de características emocionais e cognitivas da adolescência.

Além da interação entre os altos níveis de intensidade emocional e relativa imaturidade de habilidades cognitivas, Good e Willoughby (2008) apontam que estresse

e eventos de vida negativos são fatores considerados como importantes de considerar em se tratando de conversão religiosa de adolescentes. Para as autoras, esses dois fatores estão algumas vezes associados com conversão espiritual ou religiosa na adolescência, o que sugere a possibilidade que uma maior exposição ao estresse nessa etapa do desenvolvimento, associado a um padrão cognitivo através do qual os jovens percebem eventos como mais estressantes, podem contribuir para a sensibilidade à conversão.

Já no que diz respeito à duração do comprometimento religioso, Good e Willoughby (2008) apontam que existem evidências empíricas e teóricas indiretas de que o enajamento que ocorre na adolescência tem maior tendência a perdurar ao longo do ciclo vital. Decorre disto que, após a adolescência, torna-se mais difícil formar e manter compromissos religiosos. Elas apontam que a suscetibilidade espiritual e religiosa após a adolescência e início da idade adulta pode diminuir substancialmente, já que nessa etapa aspectos como carreira profissional, casamento e padrões familiares podem já se encontrar estabelecidos. Nessa situação, engajar-se em uma religião poderia significar o remanejamento dessa estabilidade e a revisão de valores adotados na adolescência, o que poderia ser difícil para um adulto já consolidado em sua identidade (Good & Willoughby, 2008).

A construção da identidade na adolescência seria mais um dos fatores que contribuem para que esse seja um período de sensibilidade à exploração da espiritualidade e religiosidade (Good & Willoughby, 2008). As autoras dizem que pesquisas sobre o tema dão suporte a essa ideia. O engajamento em um sistema de crenças espirituais geralmente envolve a adoção de uma visão de vida específica a respeito de temas como trabalho, amor, vida e morte. A relação da identidade com a religiosidade foi apontada também por Dalgarrondo (2008). Para ele, pertencer a uma família afiliada a uma religião tem implicações de longo alcance na identidade. Assim, a religião poderia oferecer recursos à estruturação da identidade.

Os autores que discutem a adolescência a partir de uma perspectiva teórica da psicanálise também abordam a questão da formação da identidade como um processo importante durante esse momento de transição. O trabalho de Erik Erikson (1982/1998) sobre o ciclo vital e o seu desenvolvimento psicossocial destaca a formação da identidade na adolescência, período em que ocorre uma tensão entre a formação da identidade e a confusão sobre ela. Embora a confusão sobre a própria identidade seja normativa e até mesmo necessária, pode gerar um quadro de perturbação agravado

(Erikson, 1982/1998). Ainda, essa etapa do desenvolvimento psicossocial é marcada tanto por um peculiar senso de existência quanto por um interesse por valores ideológicos, sejam eles intelectuais, políticos ou religiosos.

Erik Erikson (1982/1998) faz outros apontamentos interessantes a respeito da adolescência. Conforme a sua teoria, a força específica que emerge na adolescência é a *fidelidade*. E como uma força nesse momento entre a infância e a adultez, ela se relaciona tanto com a confiança infantil quanto com a fé madura. A assunção e negação de papéis sociais delimitam, aos poucos, a identidade do adolescente, e essa interação permite a experimentação de lealdades que podem ser confirmadas e transformadas em associações duradouras (Erikson, 1982/1998). O autor menciona que essas associações duradouras se dão através de rituais ou ritualizações.

Knobel (1981) salienta que a preocupação metafísica emerge intensamente no período da adolescência, assim como as crises religiosas e, ao contrário do que possa parecer aos adultos, esses não são fenômenos com importância secundária. Ao contrário, são tentativas de lidar com a angústia resultante da busca de identificações positivas e também luto pela perda do corpo infantil (Knobel, 1981). Por outro lado, o autor aponta que a reivindicação ateuista na adolescência pode ser considerada uma atitude extrema e defensiva em virtude de frustrações muito intensas e perdas bastante sofridas.

É interessante como as ideias desses diferentes autores, Good e Willoughby, Erikson e Knobel convergem quanto à adolescência ser um período de sensibilidade à exploração da religiosidade. Além disso, todos eles entendem que compromissos religiosos assumidos nessa etapa da vida podem perdurar ao longo do ciclo vital.

1.3 Religiosidade e comportamentos na adolescência

Em 2006, Rew e Wong fizeram uma revisão sistemática de estudos empíricos sobre a relação entre R/E, saúde e comportamentos saudáveis em população adolescente. Dos 43 estudos incluídos em seus critérios para a revisão sistemática, 36 (88,72%) apresentaram efeitos positivos na relação entre R/E e atitudes e comportamentos saudáveis, e nenhum estudo apresentou resultados negativos. A R/E também tem sido estudada como um fator associado e possivelmente relacionado com outros comportamentos saudáveis como, por exemplo, atividades físicas (Melo, Meneses, Silva Júnior, Wanderley Júnior, & Barros, 2012). Isto porque, com a adesão a

certas religiões, a pessoa incorpora certos hábitos e até estilo de vida que podem influenciar sua saúde.

Os estudos de Yonker, Schnabelrauch e DeHaan (2012) e de Bezerra *et al.* (2009) apontam religiosidade e espiritualidade como fatores de proteção contra o uso de bebidas alcoólicas em jovens adolescentes. Esses estudos são considerados relevantes, embora algumas questões temporais não estejam ainda bem elucidadas, como o efeito da R/E na proteção contra o álcool a curto, médio e longo prazo. Conforme o estudo de Bezerra *et al.* (2009), a religiosidade parece ser fator de proteção contra o consumo de drogas e tabaco. Sua pesquisa investigou 4210 estudantes do ensino médio de 76 escolas públicas, em 44 municípios do estado de Pernambuco. As análises dos resultados indicaram que a exposição ao consumo de drogas e o tabagismo estava inversamente associada à afiliação e prática religiosa, independentemente do sexo dos participantes.

A religiosidade tem sido inversamente associada a comportamentos desviantes de forma geral (Dias, 2011; Yu & Stiffman, 2010). No estudo de Dias (2011) com 448 sujeitos em Lisboa, foi encontrado um efeito significativo do fator religião em diversos problemas desviantes, como consumo de substâncias tóxicas, delinquência e roubo. Os adolescentes que seguiam uma religião referiram menos envolvimento nessas atividades. Já Laird, Marks e Marrero (2011) realizaram uma pesquisa com 166 adolescentes e suas mães, de 20 escolas públicas de Baton Rouge, Califórnia, Estados Unidos. No grupo de adolescentes investigados, uma menor importância da religiosidade em suas vidas esteve associada a um menor autocontrole e a uma maior incidência de comportamentos antissociais. Mas um alto nível da importância da religião pareceu proteger adolescentes de envolvimento em comportamentos antissociais, mesmo que eles apresentassem um baixo nível de autocontrole.

De um modo geral, há fortes indícios da relação entre religiosidade e comportamentos sociais positivos e evitação de comportamentos sociais negativos (Stolz, Olsen, Henke & Barber, 2013), assim como da relação positiva entre religiosidade e efeitos positivos na saúde mental de jovens (Chatters *et al.*, 2011). As tradições religiosas têm sido referidas como fonte de um conjunto de normas de comportamento que estimulam interações positivas nas relações familiares (Spilman, Donnellan, Neppl, Schofield, & Conger, 2013). Muitos estudos realizados apontam uma associação positiva entre envolvimento religioso e indicadores de bem-estar psicológico e inversamente associado à depressão (Stroppa & Moreira-Almeira, 2008). Laird, Marks

e Marrero (2011) apontam possíveis efeitos positivos da religiosidade que, em um alto nível, pode funcionar como fator de proteção contra envolvimento em comportamentos de risco e problemas psicológicos, além de prover adolescentes com motivação, *coping* positivo, recursos psicológicos ou suporte social necessário.

É importante considerar que a religião nem sempre promove emoções positivas ou estilos de vida saudáveis, mas pode também induzir à culpa, vergonha e medo, ou justificar agressão ou isolamento social. Porém, estudos revelam que, geralmente, a maioria das religiões com tradições bem estabelecidas e liderança responsável tende a promover experiências humanas positivas ao invés de negativas (Koenig, 2001).

Alguns autores (Good & Willoughby, 2008; King & Boyatzis, 2004) apontam que uma área pouco explorada era a R/E nas áreas de desenvolvimento humano. Para King e Boyatzis (2004), o interesse sobre a temática tende a crescer na medida em que surgem dados mostrando que o público infantil e adolescente não apenas frequenta e participa de cultos, mas que têm uma intensa vida interior nessa direção. Tem-se conseguido pouco progresso também sobre o entendimento de como a religiosidade atua como um fator de proteção e a sua relação com uma menor incidência de comportamentos de risco (Laird, Marks & Marrero, 2011).

Conforme o estudo de Verona e Dias Júnior (2012), há uma forte associação entre a idade ao ter o primeiro filho antes do casamento e o envolvimento religioso em adolescentes brasileiros. A religião pode prover recursos que contribuem para a criação de mecanismos que influenciem, mesmo que indiretamente, a vida e o comportamento de adolescentes e jovens, como normas e ensinamentos religiosos sobre o que é certo ou errado, aceitável ou não, como, por exemplo, a oposição ao sexo pré ou extramarital. Por sua vez, as prescrições religiosas podem atuar tanto como um fator de proteção ou de risco (Bezerra *et al.*, 2009). Podem contribuir, por exemplo, como proteção ao risco de início de uma vida sexual precoce e envolvimento em comportamentos sexuais de risco e suas consequências. Por outro lado, prescrições como as que proíbem o uso de preservativos podem ser um fator de risco à saúde (Bezerra *et al.*, 2009).

Outras questões, carentes de aprofundamento, referem-se à autonomia do jovem na busca de R/E. Adolescentes mais novos, em geral, seguem a prática religiosa da família com quem moram e recebem maior influência da educação religiosa recebida em casa, enquanto os mais velhos tendem a fazer escolhas com maior autonomia (Santos & Marques, 2011). Sobre essa questão, o estudo de Laird, Marks e Marrero (2011) apresenta resultados de pesquisa interessantes. Uma maior importância da

religião relatada pelas mães dos adolescentes investigados esteve associada a uma maior importância da religião apontada pelos adolescentes, sendo assim um fator de proteção indireto para os jovens frente ao envolvimento em comportamentos antissociais. Por fim, os resultados indicaram que as crenças dos adolescentes a respeito da importância e da fidelidade com os compromissos religiosos aparecem mais fortemente como um fator de proteção contra comportamentos de risco do que a influência das crenças e práticas religiosas dos pais sobre os próprios jovens. Assim, indagar-se a partir de momento e em que contingências a religiosidade é uma opção mais independente do adolescente é um campo de investigação que merece esforços, já que a religiosidade parece ter efeito positivo maior quanto mais importante é para o próprio indivíduo.

Por isso, Laird, Marks e Marrero (2011) entendem que procurar investigar tanto a frequência quanto a importância da religião para adolescentes é de suma importância, já que muitos jovens frequentam atividades religiosas involuntariamente, por conta da influência parental, e não reconhecem importância nessas atividades. Da mesma forma, alguns adolescentes podem conferir à religião grande importância, mas por algum motivo encontram-se impossibilitados de frequentar as atividades religiosas (Laird, Marks & Marrero, 2011).

1.4 Religiosidade no Brasil

Em uma análise feita sobre a religiosidade no Brasil, Andrade (2009) retomou a história cultural brasileira balizada pelo eixo da religião. Para a autora, há uma escassez de trabalhos sobre a história do Brasil que tenham como eixo a dimensão religiosa. Andrade (2009) aponta também que a religiosidade, com suas condutas e crenças, é um traço cultural marcante no país, e o brasileiro carrega essa marca religiosa, que se reflete no seu cotidiano e na capacidade de expressar diferentes formas de religiosidade.

De fato, a história do Brasil parece inextricável da religião, e os processos históricos e culturais que o país viveu parecem ter marcado profundamente a religiosidade brasileira. Conforme Busin (2011), o Brasil é um país predominantemente cristão e de maioria católica. Dalgalarondo (2008) afirma que o Brasil, com 125 milhões de pessoas que se consideram católicas, é a mais populosa nação católica do mundo. O catolicismo, tomado como tradição que deixou marcas mais profundas no Brasil, embora não caracterizado como catolicismo puro, mas mesclado com diferentes

crenças e práticas religiosas inseridas de maneira furtiva, foi um dos mecanismos de fundação do país, através da catequese e irmandades religiosas (Andrade, 2009).

Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), desde o primeiro recenseamento do Brasil, em 1872, até a década de 1970, o perfil religioso brasileiro manteve a hegemonia da afiliação católica apostólica romana. De acordo com o Instituto, essa foi uma característica herdada do processo de colonização, e também é importante o fato de ter sido a religião oficial do Estado até a Constituição da República, de 1981.

Durante o período de 1872 a 1970, o percentual de católicos passou de 99,7% para 91,8% e, nesta data, o percentual de evangélicos era de 5,2%, sendo que as outras religiões somavam apenas 2,3% do total (IBGE, 2010). Já entre os períodos entre os anos 2000 e 2010, o censo do IBGE (2010) confirmou o crescimento de evangélicos pentecostais em todas as regiões do país. Mas o segmento de evangélicos de missão se manteve estável, fenômeno observado nas regiões sul e sudeste, onde essa afiliação religiosa encontrava maior número de adeptos. No mesmo período, o número de católicos diminuiu em todas as cinco regiões brasileiras, mantendo-se mais elevado nas regiões nordeste e sul. Entre os espíritas, foi observado nas regiões sudeste e sul o aumento mais significativo. Ainda, a região sul, além de alguns estados brasileiros, foi a que apresentou menor distribuição daqueles que se declararam sem religião.

O quadro da distribuição religiosa, conforme o censo de 2010 (IBGE, 2010), é caracterizado por 64,6% de católicos apostólicos romanos, 22,2% de evangélicos, 2% de espíritas, 0,3% de umbandistas e de camdomblé, 8% que se denominaram sem religião e 2,7% que dizem pertencer a outras religiosidades. Observa-se, ainda, uma hegemonia católica, embora tenha reduzido consideravelmente seu percentual em relação ao censo dos anos 2000, por exemplo. É interessante que a população evangélica já passa de um quinto da população brasileira. Outro dado expressivo é o número daqueles que afirmam não ter religião, que atinge 8% da população. Dalgarrondo (2008) afirma que esse foi o grupo que mais cresceu nos últimos anos.

De modo geral, percebe-se um aumento de pessoas afiliadas a outras religiões que não a católica. O aumento no número proporcional de adeptos em relação à população brasileira é mais perceptível nos evangélicos e sem religião, mas outras afiliações religiosas também têm aumentado na distribuição da população entre as religiões. É claro, essas duas categorias, espíritas e outras religiões, apresentam números percentuais muito pequenos em relação ao número total. De acordo com os dados do IBGE (2010),

atualmente os espíritas somam 2% da população. Caso sejam somados os adeptos de umbanda, candomblé e outras religiosidades (categorias aferidas pelo IBGE), tem-se 3% da população. É bom lembrar que os evangélicos, que hoje contam com 22,2%, contavam com apenas 5,2% nos anos de 1970. Assim, conforme pode ser percebido em relação aos evangélicos, esse aumento de espíritas e sem religião pode representar uma tendência ao aumento de adeptos a essas categorias ao longo dos anos.

Para Andrade (2009), o pluralismo religioso instalou-se no Brasil na virada do século XIX para o Século XX, com a entrada crenças e ritos pertencentes a diferentes tendências religiosas. Mas a autora aponta que, embora o sincretismo tenha sido uma marca do percurso religioso no Brasil, atualmente as instituições religiosas se tornam menos tolerantes ao fluxo entre as religiões e exigindo cada vez mais uma fidelidade religiosa.

No entendimento de Andrade (2009), o fenômeno de abertura a novas modalidades religiosas e o aumento no número de adeptos de outras religiões, caracterizados nos dados do censo do IBGE de 2010, promove a disputa entre as religiões pela adesão de adeptos. Em outras palavras, o crescimento de diferentes religiões que se firmam no Brasil produz um efeito de mercado nas instituições religiosas, que passam a se preocupar com a fidelidade e adesão de fiéis, o que não era uma preocupação enquanto existia a hegemonia franca de apenas uma religião (Andrade, 2009).

Dada a complexidade do campo religioso e as múltiplas variáveis que parecem interferir em sua composição e funcionamento, bem como a importância que a religiosidade pode ter na vida dos indivíduos, torna-se importante investir esforços sobre os diversos aspectos desse tema. Pearce e Denton (2011) sugerem, por exemplo, que uma tentativa de melhor avaliar a religiosidade deve considerar o que chama de os três C's da religiosidade: contexto da crença religiosa, conduta das práticas religiosas e centralidade da religião na vida da pessoa.

1.5 Objetivos

Avaliar tanto a frequência de práticas de religiosidade quanto sua importância para os sujeitos pode contribuir para uma maior compreensão sobre como os indivíduos se relacionam com a religiosidade. Essa investigação tem grande relevância, sobretudo com o público adolescente, já que indícios apontam que religiosidade e espiritualidade

encontram na adolescência características peculiares que podem prover os jovens com recursos importantes para um desenvolvimento saudável. Assim sendo, o objetivo deste estudo foi investigar religiosidade em adolescentes de diferentes regiões do Brasil, observando as variáveis afiliação religiosa, sexo, idade e região do país.

II. Método

2.1 Participantes

Este estudo foi realizado a partir de um banco de dados conjunto que agrupou os resultados de pesquisas realizadas durante os anos de 2009 a 2012 em escolas públicas de diferentes locais do país com um mesmo instrumento, desenvolvido por professores do GT Juventude: Resiliência e Vulnerabilidade da ANPEPP. A amostra de participantes desta pesquisa foi formada por 2573 jovens com idades entre 12 e 18 anos (M=15,67 anos; DP=1,45), que estudavam entre a 6ª série do ensino fundamental e o 3º ano do ensino médio em escolas públicas de diferentes regiões do Brasil: Fortaleza na região nordeste (35,7%), Belém na região norte (17,8%), Vitória e grande Vitória na região sudeste (11,9%), Hidrolândia (Goiás) na região centro-oeste (1,9%) e Porto Alegre e Rio Grande na região sul (32,6%). Em relação ao sexo, 41,9% dos participantes eram homens e 58,1% mulheres.

2.2 Instrumento

Para este estudo foi utilizado o Questionário da Juventude Brasileira (ANEXO A) - Versão Fase II (Dell'Aglio, Koller, Cerqueira-Santos, & Colaço, 2011), composto por 77 questões, sendo algumas de múltipla escolha e outras em formato Likert de cinco pontos. O objetivo desse questionário é investigar fatores de risco e proteção em adolescentes, abordando aspectos relacionados à educação, saúde, trabalho, comportamentos de risco (drogas, suicídio, sexualidade e violência), fatores de risco (violência intrafamiliar e na comunidade, exposição às doenças/drogas, deficiência, discriminação, institucionalização, vida na rua, conflito com a lei, empobrecimento/pobreza, separação/perda na família) e fatores protetores sociais (lazer, rede de apoio) e pessoais (espiritualidade, autoestima, autoeficácia, perspectivas para o futuro).

Para este estudo foram utilizadas as questões sociodemográficas, a questão 28, que investiga a religião do participante, e a questão 29, que engloba uma versão adaptada da Escala de Religiosidade (Cerqueira-Santos & Koller, 2009). Essa escala contém nove itens com opções de respostas em escala Likert de cinco pontos, sendo 1 para nunca e 5 para sempre. Em relação ao instrumento original, o item “costumo ler escrituras sagras ou fazer orações no meu dia a dia” foi modificado, tendo sido alterada a expressão “escrituras sagradas” para “livros sagrados”. Além disso, foi subdividido

em dois itens: “costumo fazer orações no meu dia a dia” e “costumo ler livros sagrados no dia a dia”. Por fim, foi acrescentado o item “sigo recomendações religiosas minha vida diária”.

2.3 Procedimentos e Considerações Éticas

Todos os procedimentos éticos que garantem a integridade dos sujeitos de pesquisa foram assegurados tendo como base a Resolução nº 196 (Conselho Nacional de Saúde, 1996) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990). O projeto de pesquisa foi aprovado por Comitês de Ética em Pesquisa, nas universidades onde o estudo foi realizado em cada um dos estados participantes, e as escolas participantes assinaram o Termo de Concordância com a realização da pesquisa.

A seleção das escolas participantes foi realizada através do método de amostragem aleatória por conglomerados. Foi realizado um sorteio a partir de todas as escolas que pertenciam à rede pública das cidades participantes. Os alunos das turmas sorteadas foram abordados em sala de aula e convidados a participar da pesquisa. Foram explicados os objetivos e o caráter sigiloso e voluntário, salientando-se que o estudante poderia interromper sua participação a qualquer momento da coleta.

Foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido pelos pais dos adolescentes e do Termo de Assentimento pelos estudantes que manifestaram o desejo em integrar o estudo. A coleta de dados foi realizada coletivamente, em sala de aula, e teve duração máxima de 60 minutos. A equipe se colocou à disposição para assistência nos casos em que era percebida a necessidade de apoio aos participantes após a realização da coleta de dados.

III. Resultados

Inicialmente foi realizada uma análise descritiva em relação à afiliação religiosa dos participantes. A Tabela 1 apresenta os percentuais da afiliação religiosa por região do país e total.

Tabela 1. *Percentuais de Participantes por Afiliação Religiosa e Região do País*

Opções religiosas	Sul	Norte	Centro-Oeste	Sudeste	Nordeste	Total
Católico	39,0	49,3	36,0	32,2	48,9	43,3
Evangélico	13,6	44,0	20,0	44,6	30,5	28,5
Sem religião	28,7	18,6	42,0	17,6	18,4	22,3
Espírita	7,5	2,3	2,0	1,0	0,8	3,3
Umbandista	7,3	0,6	0,0	0,0	0,4	2,7
Protestante	1,7	4,0	0,0	5,2	2,3	2,6
Ateu	3,6	1,7	0,0	1,3	1,0	2,0
Outro	5,6	3,5	0,0	3,9	3,0	4,1
Total	32,6	17,8	1,9	12,0	35,7	100

Nota: questão de múltipla escolha

Quanto à Escala de Religiosidade, foi observada uma consistência interna satisfatória (α de Cronbach = 0,861), com uma média geral de 29,84 (DP=8,40) e escores nos itens que variaram de 2,46 a 4,20. As médias dos itens da Escala de Religiosidade são apresentadas na Tabela 2.

Tabela 2. *Médias e Desvio Padrão dos Itens da Escala de Religiosidade*

Itens da escala de religiosidade	M	Dp
A religião/espiritualidade tem sido importante para a minha vida	3,46	1,55
Costumo frequentar encontros, cultos ou rituais religiosos	2,87	1,43
Costumo fazer orações no dia-a-dia	3,36	1,35
Costumo ler livros sagrados no dia-a-dia (Bíblia, Alcorão, etc.)	2,53	1,32
Costumo agradecer a Deus pelo que acontece comigo	4,11	1,18
Peço ajuda a Deus para resolver meus problemas	4,20	1,14
Costumo fazer orações quando estou em momentos difíceis	4,07	1,24

Busco ajuda da minha instituição religiosa (igreja, templo, etc.) quando estou em dificuldades	2,46	1,49
Sigo recomendações religiosas na minha vida diária	2,77	1,42

A Tabela 3 apresenta as médias totais da Escala de Religiosidade por religião. Foi observada uma diferença significativa na média geral de religiosidade entre as afiliações religiosas mais frequentes [$F(6,2347)=182,72$; $p<0,001$]. Entre as opções religiosas, um teste post hoc Tukey indicou a presença de quatro grupos diferentes entre si, mas homogêneos em sua média geral intragrupal. Os grupos são, em ordem crescente da média geral de religiosidade: (1) ateus; (2) sem religião; (3) espíritas, umbandistas e católicos e (4) protestantes e evangélicos. As médias e desvios padrão de cada religião são apresentados na Tabela 3, de acordo com o agrupamento resultante das análises.

Tabela 3. *Média e Desvio Padrão da Escala de Religiosidade por Opção Religiosa*

Religiao	f	1	2	3	4
Ateu	42	11,40 (5,20)			
Sem religião	513	24,22 (7,16)			
Espírita	48	28,69 (7,03)			
Umbandista	45	28,98 (6,83)			
Católico	1014	29,51 (6,77)			
Protestante	32	34,28 (8,64)			
Evangélico	660	35,47 (6,87)			

Foram realizadas análises dos escores na Escala de Religiosidade, observando as variáveis sexo, faixa etária e região do país. Quanto ao sexo, foi observada diferença nas médias gerais da escala de religiosidade ($t=7,13$; $gl=2149,95$; $p<0,001$), com uma média mais alta entre as meninas ($M=30,85$; $DP=7,89$) do que entre os meninos ($M=28,43$; $DP=8,87$).

Também foram observados os percentuais de participantes em relação à faixa etária, considerando o grupo 1 de 12 a 15 anos (47,2%), e grupo 2 de 16 a 18 anos (52,8%). Houve diferença entre os grupos ($t=2,14$; $gl=2571$; $p=0,032$), com maior média geral para o grupo 2 ($M=30,17$; $DP=8,42$) em relação ao grupo 1 ($M=29,46$; $DP=8,36$).

Em relação à região do país, a Tabela 4 apresenta a média total na Escala de Religiosidade por região do país. Foi observada diferença significativa entre as regiões [F(4,2568)=85,35; p<0,001], sendo a média mais alta na região sudeste e a média mais baixa na região sul. Um teste post hoc Tukey indicou algumas diferenças entre as regiões: a região sul difere de norte, nordeste e sudeste (p<0,001); a região sudeste difere das regiões sul e centro-oeste (p<0,001), e da região norte (p<0,039); a região centro-oeste diferiu de norte (p<0,003), nordeste e sudeste (p<0,001); a região nordeste diferiu das regiões sul e centro-oeste (p<0,001); e, por fim, foram encontradas diferenças entre a região norte com as regiões sul (p<0,001), centro-oeste (p<0,003) e sudeste (p<0,039).

Tabela 4. *Média Geral da Escala de Religiosidade por Região do País.*

	Sul	Sudeste	Centro-Oeste	Norte	Nordeste
M	25,86	33,11	27,18	31,47	31,70
Dp	8,30	8,09	8,85	7,81	7,42

IV. Discussão

A Tabela 1 demonstra que mais da metade dos participantes afiliados a uma religião distribui-se entre Católicos (43,3%) e Evangélicos (28,5%), o que parece refletir, de alguma forma, a população brasileira em geral, que também aponta um maior número de Católicos (64,6%) e Evangélicos (22,2%), conforme o IBGE (2010). Uma considerável parcela dos adolescentes (22,3%) que participaram deste estudo assinalou não ter religião e, assim como na população geral brasileira (IBGE, 2010), a categoria foi a terceira mais mencionada pelos participantes. Segundo Dalgalarro (2008), o grupo dos sem afiliação religiosa foi o que mais cresceu proporcionalmente no Brasil ao longo dos últimos anos. O autor apresenta dados do IBGE, indicando que esse grupo representava 1,6% da população em 1980 e passou a ser representado por 7,3% da população em 2008. O autor afirma que, no Brasil, esse grupo ainda não foi devidamente estudado.

As outras religiões somam afiliação de 12,7% dos participantes, além dos que se denominaram ateus (2,0%). Imagina-se que o grupo dos ateus é composto por aqueles jovens que, além de não partilhar de uma religião, não consideram a existência do sagrado ou transcendente. O número de ateus desta pesquisa não pode ser comparado aos índices do IBGE (2010), já que o Instituto não avalia uma categoria “ateu”. Supomos que este grupo na população brasileira está representado na pesquisa do IBGE pela categoria “sem religião”. Todavia, a distinção dos ateus dentro daqueles que se dizem sem religião se faz importante, já que pode haver a busca de um contato com Deus ou o transcendente, sem partilhar de uma religião instituída, diferentemente dos ateus, para quem tanto a busca pelo sagrado quanto a afiliação religiosa não são características.

A compreensão da distribuição dos jovens entre diferentes afiliações religiosas pode ajudar a entender diferentes dados resultantes de pesquisas sobre religiosidade. Fernandes (2011) destaca que a juventude é um fenômeno complexo e com múltiplas formas de ser jovem, atravessadas também pela religião, sendo que esta reflete uma maneira singular de ser jovem na sociedade. Conforme o autor, a religião tem um aspecto cultural e de sociabilidade, um *ethos* que norteia a vida do jovem religioso. Nesse sentido é importante observar a diferença dos jovens entre as afiliações religiosas, já que cada uma possui um *ethos* específico e que repercute na sociabilidade do jovem.

Para Fernandes (2011), o discurso proferido pela religião de um jovem irá refletir em sua vida cotidiana, em suas práticas sociais e em suas escolhas políticas e afetivas.

Silva (2011) também aponta a importância da dimensão cultural na compreensão da religião. O autor menciona que a religião é definida em um contexto espacial e temporal, sujeita à mudança. É importante destacar que não apenas a religiosidade do jovem é afetada pela cultura, tempo e espaço. O jovem também altera a cultura e o espaço, já que, de acordo com Martins e Carrano (2011), os jovens são atores, cujas manifestações se expressam e transformam a sociedade e a cultura. Assim, a relação do jovem com a religião é composta por uma multiplicidade de fatores, que se movimentam do jovem para os diferentes aspectos de sua vida, mas também na direção inversa.

Alguns estudos investigam a influência de diferentes religiões no comportamento dos adolescentes. Dalgarrondo, Soldera, Corrêa Filho e Silva (2004) mencionam, por exemplo, que não ter religião ou pertencer a religiões mais liberais aparece em muitos estudos associados a um maior uso de álcool e drogas, mesmo em diferentes contextos socioculturais. Segundo os autores, os estudos internacionais apontam que diferentes dimensões da religiosidade e afiliação religiosa nos adolescentes têm importante efeito quanto à modulação do uso de álcool e drogas.

A pesquisa de Dalgarrondo *et al.* (2004) apresenta dados que mostram diferenças entre adolescentes de diversas afiliações religiosas. Os autores pesquisaram 2.287 adolescentes que estudavam em escolas públicas centrais e periféricas e também de escolas particulares da cidade de Campinas. Os protestantes em geral apresentaram relativamente uma menor frequência de uso das drogas investigadas, enquanto católicos e espíritas apresentaram uma maior frequência de uso considerado pesado. Os autores apontam que os dados de seu estudo corroboram a literatura, que também apresenta uma menor frequência de usuários de álcool e drogas entre os membros de afiliações mais conservadoras (Dalgarrondo *et al.*, 2004). Para os autores, os protestantes em geral condenam o uso de álcool e drogas de maneira mais explícita em relação aos católicos e aos espíritas. Já que a vivência religiosa envolve, entre outras questões, valores e comportamentos (Dalgarrondo *et al.*, 2004), entende-se que as particularidades éticas de cada afiliação religiosa possam influenciar de maneira mais ou menos intensa os adolescentes, em diferentes dimensões de suas vidas.

A Tabela 2 mostra os resultados das análises feitas de cada um dos itens da Escala de Religiosidade. Dois itens que aparecem com as maiores média de pontuação foram

“Peço ajuda a Deus para resolver meus problemas” (M=4,20; DP=1,14) e “Costumo fazer orações quando estou em momentos difíceis” (M=4,11; DP=1,18). Esses dados podem indicar que os adolescentes encontram na ideia de Deus e na prática de orações importantes recursos para enfrentar adversidades em suas vidas. Isto, por um lado, pode ser uma importante fonte de inspiração e de alguma forma pode ajudar realmente os jovens no enfrentamento de adversidades. Por outro lado, pode ser prejudicial, caso os indivíduos atribuam a resolução de seus problemas a Deus e às orações e não tomem ações necessárias na resolução de conflitos em suas vidas.

Essa discussão abre espaço para se pensar na relação de aspectos da religião com a atribuição de controle. A atribuição de controle muitas vezes é chamada *locus de controle* (Rotter, 1990). De maneira resumida, Rotter (1990) indica que a atribuição de controle pode ser interna ou externa e diz respeito ao grau em as pessoas acreditam que um resultado ou reforço é contingente às suas características pessoais e seus comportamentos ou o quanto estão em função de aspectos alheios, como chance, sorte, destino, etc. Segundo Pandya e Jogsan (2013), o *locus de controle* pode ser interno, característico de pessoas que acreditam que controlam os diversos aspectos de suas vidas, ou externo, naqueles indivíduos que creditam às contingências ambientais, a algum poder superior ou a outras pessoas o controle de suas vidas. É importante notar que atitudes características dos dois extremos podem ter consequências negativas para o indivíduo, “tudo depende de mim” ou “tudo depende do destino”, por exemplo. Levanta-se a mesma hipótese em relação à religiosidade: por um lado, esperar tudo de Deus pode se tornar perigoso e manter o indivíduo numa posição de passividade; por outro lado, não se relacionar com aspectos religiosos como a ideia de Deus, transcendente ou sagrado pode significar a privação de uma importante fonte de recursos psicológicos e emocionais. Talvez seja essa a ideia de Stroppa e Moreira-Almeida (2008), para quem a religião oferece diversos métodos ou estratégias de *coping* que abrangem uma série de comportamentos, emoções, cognições e relações, constituindo-se importante aspecto para o indivíduo. De acordo com Stroppa e Moreira-Almeida (2008), evidências apontam que o *coping* propiciado pela religião é geralmente positivo, em diversas amostras e frente a situações estressoras diversas. Para Koenig, Larson e Larson (2001), o envolvimento religioso está associado com maiores níveis de satisfação de vida, bem-estar, senso de propósito e significado da vida, esperança e otimismo, e menores níveis de depressão e abuso de substâncias. Koenig (2001) ainda afirma que, especialmente entre adolescentes, o *coping* religioso é

negativamente relacionado com suicídio e atividade sexual/gravidez prematuras e positivamente a valores pró-sociais. Dito isto, retomamos os questionamentos em relação aos adolescentes que se autodenominaram ateus. Já que não usufruem desses recursos oferecidos pela religiosidade e espiritualidade, como o *coping* religioso, talvez encontrem - seria importante que encontrassem - em outras fontes recursos necessários para um desenvolvimento saudável. Torna-se importante, portanto, investigar que outros recursos pessoais e contextuais estão presentes nesses casos.

Stroppa e Moreira-Almeida (2008) também mencionam que a ênfase das tradições ocidentais em uma relação pessoal com Deus e com o próximo pode repercutir sobre a saúde mental, em especial no que diz respeito ao enfrentamento de situações difíceis. Os resultados desta pesquisa apontam a importância da relação com Deus (Tabela 2), expressa na alta média da Escala de Religiosidade, quando se trata de pedidos de amparo, através das orações, para o enfrentamento de problemas na vida dos adolescentes. Resta saber o quanto essa variável, “Costumo fazer orações quando estou em momentos difíceis”, repercute na saúde dos adolescentes. Infelizmente, essa questão não faz parte da abrangência de nosso estudo, mas constitui-se como questão em aberto e de interessante investigação.

Outro item da escala com alta média de pontuação foi “Costumo agradecer a Deus pelo que acontece comigo” ($M=4,11$; $DP=1,18$), indicando que a ideia de Deus para os adolescentes não está apenas constituída como uma fonte de recursos para o enfrentamento de problemas, mas também associada com eventos positivos que ocorrem na vida dos sujeitos. Novamente, é importante investigar como ocorrem esses fenômenos, já que atribuindo a Deus um evento positivo pode-se tirar o mérito próprio, por uma conquista, por exemplo, ou negar a importância de outros fatores associados a esses eventos.

As pontuações para os itens sobre a leitura de livro sagrados ($M=2,53$; $DP=1,32$), frequência de práticas ou cultos religiosos ($M=2,87$; $DP=1,43$) e sobre seguir recomendações religiosas no cotidiano ($M=2,77$; $DP=1,42$) tiveram médias mais baixas (Tabela 3). Em contraposição com as médias mais altas dos itens que abordam a relação dos participantes com Deus, esses itens abordam questões mais relacionadas aos aspectos sistemáticos das crenças, já que cada uma destas possui suas próprias leituras, configurações de encontros e recomendações de hábitos e práticas.

Ao que parece, os adolescentes tendem a viver mais os aspectos subjetivos da religiosidade do que os aspectos institucionais. Mas também podemos pensar essa

questão em termos de atitudes e comportamentos. Gleitman, Fridlung e Reisberg (1981/2003) apontam que atitudes são um conjunto de crenças, sentimentos e avaliações subjacentes e que incluem um componente de comportamento. As atitudes predizem em alguma medida o comportamento. Mas em algumas situações, sob pressão social, por exemplo, o sujeito pode agir em discordância com suas atitudes (Gleitman, Fridlung & Reisberg, 1981/2003). Pode ser que as médias baixas nos itens sobre frequência de cultos ou rituais, leitura de livros sagrados e seguir recomendações religiosas no cotidiano apontem para o componente comportamental dos adolescentes. Assim, não expressar comportamentos condizentes com as recomendações religiosas não significa que estas não façam parte de suas atitudes: podem apenas ainda não fazer parte de seus comportamentos.

Dalgarrondo *et al.* (2004) indicam que um dos fatores apontados pela literatura científica que está associado a um maior uso de álcool e drogas é não frequentar igrejas ou cultos religiosos. Mas os resultados de sua pesquisa apontam que aspectos religiosos internalizados, como valores morais, normas e preceitos de práticas, apareceram como mais importantes fatores de proteção do que aspectos sociais da prática religiosa, como a frequência em cultos e missas. Para os autores, ter recebido uma educação religiosa na infância, um dos itens investigados em sua pesquisa, pareceu ter mais impacto na modulação do uso de drogas na adolescência do que a frequência nos cultos religiosos.

Assim, a baixa a frequência em cultos e a prática de recomendações religiosas no cotidiano, não significam que a religiosidade não tenha importância em suas vidas. O item “a religião/espiritualidade tem sido importante para a minha vida” aponta uma tendência dos adolescentes a considerarem a religiosidade/espiritualidade como importante em suas vidas. De uma forma geral, os dados parecem sugerir que a frequência nos cultos religiosos, de leituras sagradas e seguir recomendações religiosas no cotidiano são aspectos que, isolados, não refletem a importância da religiosidade na vida dos adolescentes.

O item “Busco ajuda da minha instituição religiosa (igreja, templo, etc.) quando estou em dificuldades” foi o que apresentou menor média e mostra que, possivelmente, algumas instituições religiosas não funcionam como fonte de apoio social ao jovem. Este dado é interessante, e nos deixa a dúvida sobre quais fatores estão presentes ou faltam nas instituições religiosas e que não tornam esses locais atraentes aos adolescentes como fonte de apoio. Pensar nas instituições religiosas como fonte de apoio social aos jovens se faz pertinente, já que o apoio social tem sido relacionado à

saúde física e mental e pode ser um fator de proteção e promoção de saúde (Antunes & Fontaine, 1996; Gonçalves, Pawlowski, Bandeira & Piccinini, 2011).

Cobb (1976) entende que o apoio social é, em resumo, um conjunto de crenças de pertencer a uma rede de relações com obrigações mútuas e Antunes e Fontaine (1996) esclarecem que o apoio social é um processo complexo cuja manutenção e desenvolvimento exigem investimento e reciprocidade. Caso haja variação nos locais frequentados, compreende-se que a rede de apoio possa não se constituir de maneira consistente, já que a manutenção da rede de apoio demanda investimento por parte do indivíduo.

A média baixa de frequência dos jovens em cultos ou práticas religiosas (Tabela3) pode estar indicando uma falta de investimento dos jovens na manutenção dessa rede social e, por isso, uma baixa percepção de apoio. Por outro lado, uma escassa relação de apoio aos jovens pode contribuir para uma menor frequência deles nos cultos. Chatters *et al.* (2011) mencionam que, para a perspectiva da socialização religiosa, a pessoa envolvida com comunidades eclesiais e cujas identidades são profundamente ligadas a essas comunidades são mais propensas a buscar suporte dos ministros religiosos. De fato, os dados apresentados na Tabela 2 mostram tanto uma baixa média na frequência de cultos religiosos quanto baixa média na busca da instituição religiosa como fonte de apoio.

Além disso, pode ser que uma média mais baixa em buscar apoio na instituição religiosa não reflita necessariamente uma incapacidade ou dificuldade das instituições religiosas servirem de fonte de amparo aos adolescentes. Talvez os jovens estejam mais especialmente vinculados a uma religião (católica, evangélica, entre outras) e não tanto a um templo ou a um local específico. Em outras palavras, os jovens podem ser religiosos e frequentar diferentes instituições dessa religião, o que poderia repercutir nas relações de apoio entre os jovens e as instituições.

A afirmação supracitada de Chatters *et al.* (2011) fala sobre a *profundidade* da relação dos indivíduos com a comunidade religiosa. Questionar a respeito da qualidade da religiosidade na vida de alguém oportuniza retomar o estudo de Allport e Ross (1967), que caracterizam dois polos básicos de envolvimento religioso: o extrínseco e o intrínseco. Para os autores, uma maneira breve de descrever a religiosidade extrínseca é que os sujeitos com esse estilo de orientação religiosa *usam* a sua religião, enquanto indivíduos intrinsecamente orientados *vivem-na*. Indivíduos com orientação extrínseca podem encontrar na religião fonte de segurança, consolo, distração, espaço de

socialização e *status*, sendo sua motivação utilitária em relação à religião (Allport & Ross, 1967). Já indivíduos cuja orientação religiosa é intrínseca encontram na própria religião a sua principal motivação e, a partir do momento em que abraçam uma religião, direcionam todos seus esforços para internalizá-la e segui-la plenamente. É claro, Allport e Ross (1967) entendem que essas duas orientações, extrínseca e intrínseca, são polos extremos de um *continuum*, o que nos permite pensar em expressões extrínsecas e intrínsecas da religiosidade, embora alguns indivíduos possam tender mais destacadamente a um ou a outro polo.

A partir dos resultados encontrados, pode-se observar que, embora grande parte dos adolescentes considere a religião importante em suas vidas, parece que a busca de apoio nas instituições religiosas é baixa, além de uma tendência dos adolescentes a não seguirem as recomendações religiosas no seu cotidiano e a não frequentarem cultos. Esses resultados, em conjunto com as médias altas no que se refere a pedir ajuda a Deus nos momentos difíceis e para resolver os seus problemas, à primeira vista, parecem indicar que os adolescentes se aproximam mais do polo extrínseco da religiosidade do que do polo intrínseco. Mas essa ideia fica apenas como uma nota de dúvida instigante, já que o objetivo desta pesquisa não foi avaliar a orientação da religiosidade dos jovens e nem mesmo apresenta instrumentos com esse alcance. Entretanto, a religiosidade extrínseca pressupõe a utilização da religiosidade e de seus aparatos, o que parece não ser a característica dos adolescentes. Eles parecem estar mais vinculados aos aspectos intrínsecos, como a sua relação com Deus e a importância da religião em suas vidas, do que nos aspectos extrínsecos, como a frequência nos cultos e busca de apoio na instituição religiosa.

Os resultados também mostram diferenças na média geral da Escala de Religiosidade para as meninas ($M=30,85$; $DP=7,89$) em relação aos meninos ($M=28,43$; $DP=8,87$). Esse resultado é consistente com o estudo de Dalgarrondo *et al.* (2004), no qual as meninas se consideraram, de maneira significativa, mais religiosas que os meninos. Em outro trabalho, Dalgarrondo (2008) aponta que a existência considerável de uma diferença entre os sexos quanto ao padrão e a intensidade da religiosidade parece ser consistente na maioria das culturas. Outros trabalhos, como um levantamento nacional sobre o envolvimento religioso no Brasil, realizados por Moreira-Almeida, Pinsky, Zaleski e Laranjeira (2010), apontam uma maior religiosidade entre as mulheres do que entre os homens.

Henningsgaard e Arnau (2008) examinaram relações entre religiosidade, espiritualidade e personalidade. Os autores utilizaram uma escala que avaliava as orientações extrínseca, intrínseca e de busca, em relação à religiosidade. Participaram de sua pesquisa 230 estudantes de graduação de curso de psicologia da University of Southern Mississippi e 80 membros de suas famílias. Os resultados apontaram diferenças significativas entre os sexos, indicando que as mulheres tiveram maiores médias na orientação intrínseca da religiosidade. Nosso trabalho não teve por objetivo avaliar a orientação da religiosidade dos jovens, mas também indica diferenças entre os sexos e sugere a importância de se averiguar quais aspectos podem estar associados com essa variável e que podem contribuir para essa diferença.

Em outras áreas, como no envolvimento em situações ilegais, expectativas de gênero parecem incidir sobre o comportamento dos adolescentes e se associar ao envolvimento nessas ocasiões. Em outro estudo (Jahn, Nardi & Dell’Aglia, 2013), discutiu-se a diferença entre sexos no envolvimento em situações ilegais e a incidência das expectativas de gênero sobre o comportamento de meninos e meninas adolescentes. As expectativas de gênero parecem contribuir para um maior envolvimento de adolescentes do sexo masculino em situações ilegais, e podem ser fator de proteção às jovens (Jahn, Nardi & Dell’Aglia, 2013).

Segundo Garbarino (2009), a família muitas vezes destaca crenças relacionadas à diferença de gênero, com uma visão que associa os meninos com comportamentos agressivos, sendo as meninas estimuladas a não se envolver nesse tipo de comportamentos. Por outro lado, a pesquisa de Dalgalarrodo *et al.* (2004) indicou que as meninas afirmaram mais que os meninos ter tido uma educação religiosa, talvez denunciando a existência dessas expectativas.

É possível que na religião se encontrem valores, crenças e comportamentos que possam satisfazer um ideal educativo sobre as meninas, resultando nessa diferença na média de religiosidade para os sexos. Assim, uma hipótese é de que possa existir uma maior expectativa sobre as meninas do que sobre os meninos de se vincular a práticas, comportamentos sociais e valores promulgados pelas religiões.

Rosado-Nunes (2005) aponta em seu dossiê que dados estatísticos costumam confirmar a ideia de que mulheres investem mais em religião do que homens, resultando disso uma ideia equivocada de que elas são mais religiosas do que eles. Para a autora, as religiões delimitam, explícita ou implicitamente, os papéis masculinos e femininos. Embora Rosado-Nunes (2005) reconheça a prevalência feminina no corpo de fiéis

brasileiros, chama atenção ao fato de que a influência nas normas, regras e políticas apresenta maior investimento masculino. O investimento feminino estaria orientado para as práticas religiosas, rituais e de transmissão do legado religioso, embora haja ausência feminina nos espaços definidores das crenças, políticas e organização das instituições (Rosado-Nunes, 2005).

Essa hipótese sobre a diferença na religiosidade entre homens e mulheres foi bastante discutida por Miller e Stark (2002). Os autores apontam que diversas pesquisas concordam, muitas vezes aprioristicamente, que as mulheres são mais religiosas que os homens em função de diferenças de socialização conforme os gêneros. Alguns dos argumentos apontados pela literatura como tentativa de explicar essa relação coadunam com o entendimento sobre o envolvimento em situações de risco e em crimes, muitas vezes explicado através das diferenças de gênero em razão da socialização (Miller & Stark, 2002).

Miller e Stark (2002) entendem que fundamentar essas diferenças através da questão da socialização e dos gêneros, embora bastante frequente, não acompanha uma explicação causal do fenômeno. Os autores apontam três motivos pelos quais a explicação dessa diferença pela socialização pode ser inconsistente. Em primeiro lugar, os efeitos da socialização podem não ser diretamente mensurados, sendo assumidos tacitamente pelos investigadores como a explicação do fenômeno. Em segundo lugar, os estudos que tiveram por foco a socialização falharam em produzir resultados convincentes. Por fim, alguns estudos apoiam-se nas evidências de diferenças de hormônios, como a testosterona, fator associado à impulsividade e aos comportamentos de risco, o que coloca a ênfase desses comportamentos na dimensão biológica e não na socialização. Mas os próprios autores reconhecem que a explicação fisiológica pode ser prematura, e que a hipótese da socialização ainda merece consideração.

Os adolescentes mais velhos que participaram deste estudo apresentaram uma maior média geral na Escala de Religiosidade do que os mais jovens, indicando um aumento da média de religiosidade em geral ao longo da adolescência. Para Good e Willoughby (2008), o aumento na capacidade de pensamentos abstratos é um dos fatores que permitem aos adolescentes explorar o universo religioso e espiritual. É possível que o amadurecimento do adolescente e o desenvolvimento do pensamento abstrato com o tempo estejam associados com a maior média na religiosidade dos adolescentes mais velhos.

Por outro lado, o aumento da média geral na Escala de Religiosidade pode também ser efeito de uma maior independência dos jovens em relação aos pais. Ao encontrar um ambiente favorável, o adolescente tende, com o passar do tempo, a perder a identidade infantil e conquistar cada vez mais sua autonomia em relação às figuras de dependência, sendo que estas são, principalmente, pais e família (Velho, Quintana & Rossi, 2013). A partir do entendimento de que uma das marcas da adolescência a busca pela sua autonomia em relação às ideologias parentais, pode-se supor que o adolescente busque experimentar mais liberdade e vivenciar sua própria individualidade ao longo do desenvolvimento. Disto pode decorrer um encontro mais pessoal com a religiosidade e menos permeado pelos ideais parentais, o que pode resultar também em mudanças significativas na relação do jovem com os aspectos religiosos.

Não podemos descartar que uma maior média da Escala de Religiosidade para os adolescentes mais velhos pode estar associada também com a busca de uma identidade adulta. Good e Willoughby (2008) mencionam, por exemplo, que uma busca por religiosidade pode facilitar a construção de identidade. Dalgalarondo (2008) aponta o componente religioso como um dos vetores constituintes da identidade total. Para o autor, símbolos, valores, rituais, comportamentos valorizados e indesejáveis, que permeiam as religiões, agem na constituição da identidade da pessoa. Assim, a religião pode oferecer recursos para a consolidação da identidade do adolescente e de referências para o trânsito do indivíduo no campo social.

Os resultados mostram diferenças nas médias de religiosidade entre as regiões do país, com a região sudeste apresentando a maior média, seguida de nordeste, norte, centro-oeste e sul, sendo esta a região que apresentou a menor média (Tabela 4). As regiões sul e centro-oeste, com menores médias de religiosidade, não apresentaram diferenças significativas entre si, mas ambas apresentaram diferenças em relação às demais. Outros detalhes podem ser observados a partir dos resultados da tabela 4.

Percebe-se notável discrepância entre a distribuição percentual dos adolescentes e a da população em geral entre as religiões, se considerarmos as diferenças entre as regiões. Se na população geral temos grande número de pessoas que se dizem católicas nas regiões nordeste e sul (mais de 70%), observa-se um número muito menor para ambas as regiões, em comparação à população brasileira, na população adolescente (48,9% na região nordeste e 39% na região sul). Nesta população, a região que mais apresenta jovens católicos é o norte, com 49,3%, mesma região que, de acordo com o IBGE (2010), teve a maior redução em percentual de católicos (de 71,3% para 60,6%).

Autores como Martins e Carrano (2011) entendem que os jovens possuem certa autonomia em relação ao universo adulto e suas instituições, o que possibilita construir identidades culturais próprias. Sendo a religião uma forma simbólica de transitar no mundo (Fernandes, 2011), compreende-se que através dela os jovens operam mudanças e transições que marcam sua diferença em relação aos adultos. Talvez um dos reflexos dessas interações seja justamente a diferença na distribuição das afiliações religiosas entre os adolescentes e os adultos.

Neri e Melo (2009) já apontavam essa tendência da diminuição do número de católicos da população geral a partir dos dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares de 2009, realizada pelo IBGE. Os autores constataram que a queda é maior entre os jovens do que em outras camadas etárias. Além disso, Neri e Melo (2010) tecem reflexões muito interessantes sobre as dinâmicas envolvidas nessas mudanças. Para os autores, enquanto a tendência dos homens foi abandonar suas crenças nos últimos anos, as mulheres mudaram de crenças mas mantiveram, mais do que os homens, a sua espiritualidade. Os autores destacam que o catolicismo é patriarcal, enquanto a religiosidade apresenta aspectos mais femininos e é transmitida pela via materna. Para os autores, esse é um dos motivos da diminuição dos jovens católicos, cuja tendência é dispersar-se entre as outras afiliações.

Deve-se destacar que as diferenças nas médias de religiosidade entre as regiões podem estar associadas às diferentes distribuições nas afiliações religiosas. A região sul, por exemplo, é marcada principalmente por adolescentes católicos e sem religião, cujas médias de religiosidade não foram as mais altas (Tabela 3). Já na região sudeste, com a maior média de religiosidade, percebe-se a prevalência de evangélicos, seguidos de católicos. A região sudeste foi a única que apresentou o grupo de adolescentes evangélicos como grupo de maior percentual. Já na região centro-oeste, com menor média de religiosidade, percebe-se um maior percentual de adolescentes sem religião, seguidos de católicos. A categoria “sem religião” foi a segunda com menor média de religiosidade, à frente apenas da categoria “ateu” (Tabela 3). Esses dados indicam que a distribuição nas diferentes afiliações religiosas repercute na média de religiosidade de cada região do Brasil.

Para o IBGE (2010), a dinâmica da ocupação do território brasileiro é uma característica importante implicada na diversificação dos grupos religiosos observada nas últimas décadas. Por exemplo, as ocupações territoriais das regiões centro-oeste e norte foram acompanhadas por segmentos evangélicos pentecostais. Além disso, o

IBGE (2010) aponta que a urbanização crescente dessas áreas possibilitou um contexto favorável ao surgimento de novos grupos religiosos. Assim, para a compreensão da diferença de religiosidade entre as regiões, é importante que se considere diferentes aspectos regionais, inclusive a urbanização. Os católicos, por exemplo, são os maiores representantes (77,9%) em se tratando da população residente em zonas rurais. Esse número, segundo o IBGE (2010), cai (65,5%) quando consideramos a população residente em áreas urbanas.

Desta forma, percebe-se que a avaliação das diferenças na média da religiosidade dos adolescentes entre as regiões do país é complexa e atravessada por diversos fatores. Aspectos como urbanização e ocupações territoriais são significativos para a compreensão dessas diferenças, assim como a relação entre os jovens e os adultos, já que a dinâmica religiosa destes parece influenciar os jovens. Conforme apontado por Neri e Melo (2009), a mudança dos adultos em relação à religiosidade, principalmente a dos homens, parece ter repercutido na religiosidade das mulheres e dos jovens. Muitas mudanças sociais recorrentes e também atuais podem estar envolvidas também nessas diferenças de religiosidade entre as regiões do país. Além disso, aspectos culturais não podem deixar de ser mencionados, tendo em vista que a formação cultural nas regiões brasileiras sofreu influências de diferentes povos e movimentos imigratórios. Por exemplo, em regiões que receberam escravos no início da colonização do Brasil, houve maior influência de religiões africanas, assim como em outras regiões a influência indígena e européia também se fizeram presentes (Neri & Melo, 2009). Para Brandão (2004), a religião está distribuída por todo o País, em várias tribos com culturas próprias e, em seu interior, com sistemas religiosos peculiares, alguns deles com rara complexidade.

V. Considerações Finais

Em certo aspecto, os adolescentes parecem refletir a população brasileira geral no que diz respeito à afiliação religiosa, já que tanto a amostra deste estudo quanto a do censo demográfico brasileiro (IBGE, 2010) apresentou, em ordem decrescente, um maior número de católicos, evangélicos e sem religião. Esta categoria chega quase a um quarto da população adolescente, número considerado expressivo, digno de investigações. Por outro lado, o percentual de afiliados entre as religiões parece bastante diferente, se compararmos adultos e adolescentes.

Além disso, observou-se que as médias mais altas na Escala de Religiosidade se referem aos itens relacionados com Deus, seja através do agradecimento pelos acontecimentos da vida, seja pela busca de ajuda na resolução de problemas. Este item foi o de maior média, indicando a importância deste aspecto da religiosidade para os adolescentes.

Um resultado bastante importante e curioso é o que aponta que as instituições religiosas não são encaradas como fonte de apoio aos adolescentes. Embora exista grande potencial na ideia de Deus ser uma fonte de amparo para a resolução de problemas na vida dos adolescentes, as instituições religiosas parecem não oferecer ao adolescente uma imagem como fonte de apoio. A ideia da instituição como fonte de apoio pode estar associada com a frequência dos adolescentes nos encontros religiosos, outro item da Escala de Religiosidade que apresentou uma baixa média. A participação religiosa é considerada um dos possíveis mecanismos que associam a religiosidade ao bem-estar social e a frequência parece estar relacionada tanto ao aumento de vínculos e interações sociais como também a uma melhor qualidade dessas relações (Stroppa & Moreira-Almeida, 2008). Desta forma, investir nos espaços religiosos como locais de convivência e também na manutenção dos vínculos dos jovens com as instituições religiosas pode promover tanto o bem estar social quanto configurar relações que caracterizem a instituição como fonte de apoio, que é considerado importante fator de proteção na adolescência. Além disso, pode potencializar a relação dos adolescentes com Deus, o sagrado ou transcendente, importante fator de *coping* e associado a eventos positivos de vida.

Além da questão sobre buscar a instituição religiosa como fonte de ajuda, as questões sobre práticas religiosas como a frequência em cultos e encontros e a leitura de

livros sagrados apresentaram médias mais baixas em relação às outras questões. Por outro lado, a importância da religião/espiritualidade na vida dos jovens e o costume de fazer orações no dia-a-dia sugerem a importância desses aspectos em suas vidas.

É importante notar que muitas diferenças foram observadas nas análises realizadas. Quatro grupos de afiliações religiosas foram identificados a partir da semelhança entre as médias, sendo o dos ateus com menor média geral, seguido do grupo dos sem religião, o grupo de espíritas, umbandistas e católicos e, com a maior média, um grupo composto pelas categorias protestantes e evangélicos. Os dados desta pesquisa permitem apenas perceber estas diferenças, mas para compreendê-las melhor são necessários estudos mais profundos sobre a diferença entre esses grupos e a repercussão dessas diferentes religiões na vida dos adolescentes. Portanto, novos estudos sobre essa questão seriam oportunos, necessários e importantes, dado o caráter que a religião pode assumir nessa etapa da vida e ao longo do ciclo vital.

Esse entendimento vale também para as diferenças entre os sexos, já que as meninas apresentaram média geral significativamente maior do que os meninos, e também para a diferença da média entre o grupo de adolescentes mais velhos em relação ao dos mais novos. A compreensão dos efeitos e dos aspectos associados às diferenças entre meninas e meninos parece merecer esforços, já que pode estar associado a comportamentos e crenças que permeiam diversas dimensões da vida dos jovens. Além disso, estudos longitudinais poderiam contribuir para uma maior compreensão sobre religiosidade e espiritualidade ao longo da adolescência, observando mecanismos associados. Todavia, ainda parece haver poucos empenhos em compreender como a religiosidade se desenvolve ao longo da adolescência e início da vida adulta. Já que esta etapa da vida é compreendida por alguns autores como uma fase de sensibilidade para o espiritual e o religioso (Good & Willoughby, 2008), nada mais justo que investigar as vicissitudes da religiosidade durante a adolescência.

É interessante que os resultados parecem apontar que as diferenças entre as médias de cada região do país parece ser efeito das diferenças entre as médias entre as religiões, já que cada região é marcada por uma configuração específica na distribuição da afiliação religiosa. Na região sul, por exemplo, onde foi observada a menor média geral de religiosidade, os adolescentes são, em ordem decrescente, predominantemente católicos e sem religião. Já na região sudeste, que apresentou maior média geral, os participantes são predominantemente evangélicos e católicos. Aspectos culturais merecem ser investigados para uma maior compreensão dessas diferenças.

Embora esta pesquisa apresente diversos dados, de importante consideração a respeito da religiosidade e da adolescência nas diversas regiões do Brasil, muitas dúvidas foram suscitadas pelos resultados e, devido às limitações deste estudo, não puderam ser mais bem avaliadas. Investigar, por exemplo, como os adolescentes expressam os fenômenos de fazer preces em momentos difíceis, pedir ajuda a Deus na resolução de problemas ou agradecer-lO pelos eventos de suas vidas pode elucidar como operam esses aspectos da religiosidade em suas vidas. Por outro lado, a compreensão de eventuais motivos que possam tornar desagradável aos adolescentes a leitura de livros sagrados, a frequência nos encontros religiosos e a prática de recomendações religiosas pode ser fonte riquíssima de informações. A investigação destes tópicos pode contribuir na construção de formas de religiosidade e de instituições religiosas que acolham as problemáticas vivenciadas pelos adolescentes, respeitando as peculiaridades desse momento da vida e canalizando seus recursos religiosos e de espiritualidade de modo positivo.

Apesar de suas limitações, este estudo pretende oferecer algumas contribuições, já que se propôs a investigar de forma exploratória diferentes tópicos de religiosidade em adolescentes de todo o Brasil. De uma forma geral, compreende-se que investir tanto em pesquisas sobre a religiosidade quanto investir na religiosidade como um fator importante na vida dos jovens é uma boa forma de promover saúde e bem-estar, e prevenir riscos aos jovens. Destaca-se a importância desse investimento na adolescência, já que nessa etapa do desenvolvimento a religião pode passar a se constituir em um aspecto da identidade dos jovens e perdurar ao longo da vida.

Referências

- Allport, G. W. & Ross, J. M. (1967). Personal religious orientation and prejudice. *Journal of Personality and Social Psychology*, 5(4), 432-443.
- Andrade, M. O. (2009). A religiosidade brasileira: O pluralismo religioso, a diversidade de crenças e o processo sincrético. *Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, 14, 106-118.
- Antunes, C. & Fontaine, A. M. (1996). Relação entre conceito de si próprio e a percepção social de apoio na adolescência. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 81-92.
- Bezerra, J., Barros, M. V. G., Tenório, M. C. M., Tassitano, R. M., Barros, S. S. H. & Hallal, P. C. (2009). Religiosidade, consumo de bebidas alcoólicas e tabagismo em adolescentes. *Revista Panamericana de Salud Publica*, 26(5), 440-446.
- Brandão, C. R. (2004). Fronteira da fé: Alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje. *Estudos Avançados*, 18(52), 261-288.
- Brasil. (1990). Estatuto da Criança e do Adolescente. Diário Oficial da União. Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990. Brasília, DF.
- Chatters, L. M., Mattis, J. S., Woodward, A. T., Taylor, R. J., Neighbors, H. W. and Grayman, N. A. (2011), Use of ministers for a serious personal problem among African Americans: Findings from the national survey of American life (NASL). *American Journal of Orthopsychiatry*, 81(1), 118–127.
- Cerqueira-Santos, E., & Koller, S. H. (2009). A dimensão psicossocial da religiosidade entre os jovens brasileiros. In R. M. C. Libório & S. H. Koller (Eds.), *Adolescência e juventude: Risco e proteção na realidade brasileira* (pp. 133-154). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cobb, S. (1976). Social support as a moderator of life stress. *Psychosomatic Medicine*, 38(5), 300-314.
- Conselho Nacional de Saúde. (1996). *Diretrizes e normas reguladoras de pesquisa envolvendo seres humanos*. Resolução 196/96.
- Dalgalarrodo, P. (2008). *Religião, psicopatologia e saúde mental*. Porto Alegre: Artmed.
- Dalgalarrodo, P., Soldera, M. A., Corrêa Filho, H. R. & Silva, C. A. M. (2004). Religião e uso de drogas por adolescentes. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 26(2), 82-90.

Dell’Aglío, D. D., Koller, S. H., Cerqueira-Santos, E., & Colaço, V. (2011). Revisando o Questionário da Juventude Brasileira: uma nova proposta. In D. D. Dell’Aglío & S. H. Koller (Eds.), *Adolescência e juventude: Vulnerabilidade e contextos de proteção* (pp. 259-270). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Dias, M. L. V. (2011). Religiosidade e comportamento desviante na adolescência: Dados de um estudo empírico. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 45(1), 5-23.

Erikson, E. (1982/1998). *O ciclo de vida completo* (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.

Fernandes, D. (2011). Juventudes e religião: Contribuições a partir da geografia da religião. In I Seminário de Pesquisa Juventudes e Cidades. Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais. Disponível em <http://www.ufjf.br/juventudescidade/files/2011/09/JUVENTUDE-E-RELIGI%C3%83O.pdf>

Garbarino, J. (2009). Why are adolescents violent? *Ciência e Saúde Coletiva*, 14(2), 533-538.

Gleitman, H., Fridlung, A. J. & Reisberg, D. (1981/2003). *Psychology* (6th ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Gonçalves, T. R., Pawlowski, J., Bandeira, D. R. & Piccinini, C. A. (2011). Avaliação de apoio social em estudos brasileiros: Aspectos conceituais e instrumentos. *Ciência e Saúde Coletiva*, 16(3), 1755-1769.

Good, M. & Willoughby, T. (2008). Adolescence as a sensitive period for spiritual development. *Child Development Perspectives*, 2(1), 32-37.

Good, M., Willoughby, T. & Busseri, M. A. (2011). Stability and change in adolescent spirituality/religiosity: A person-centered approach. *Developmental Psychology*, 47(2), 538-550.

Henningsgaard, J. M. & Arnau, R. C. (2008). Relationships between religiosity, spirituality and personality: A multivariate analysis. *Personality and Individual Differences*, 45, 703-708.

Hill, P. C. & Edwards, E. (2013). Measurement in the psychology of religiousness and spirituality: Existing measures and new frontiers. In K. I. Pargament, J. J. Exline, & J. W. Jones (Eds.), *APA handbook of psychology, religion, and spirituality (Vol 1): Context, theory, and research*. APA handbooks in psychology (pp. 51–77). Washington, DC: APA.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). Censo demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Retrieved from <http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=794> in 15 de Julho de 2014.

Jahn, G. M., Nardi, F. L. & Dell'Aglio, D. D. (2013). Adolescência e envolvimento em situações ilegais: Diferenças de gênero. In V. F. R. Colaço & A. C. F. Cordeiro (Eds.), *Adolescência e juventude: Conhecer para proteger* (pp. 169-198). São Paulo: Casa do Psicólogo.

King, P. E. & Boyatzis, C. J. (2004). Exploring adolescent spiritual and religious development: Current and future theoretical and empirical perspectives. *Applied Developmental Science*, 8(1), 2-6.

Knobel, M. (1981). A síndrome da adolescência normal. In A. Aberastury (Ed.), *Adolescência normal: Um enfoque psicanalítico* (pp. 24-62). Porto Alegre: Artmed.

Koenig, H. G. (2001). Religion and medicine II: Religion, mental health, and related behaviors. *The International Journal of Psychiatry in Medicine*, 31(1), 97-109.

Koenig, H.G., Larson, D.B., & Larson, S.S. (2001). Religion and coping with serious medical illness. *The Annals of Pharmacotherapy*, 35, 352-359.

Laird, R. D., Marks, L. D. & Marrero, M. D. (2011). Religiosity, self-control, and antisocial behavior: Religiosity as a promotive and protective factor. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 32, 78-85.

Martins, C. H. S. & Carrano, P. C. R. (2011). A escola diante das culturas juvenis: Reconhecer para dialogar. *Educação*, 36(1), 43-56.

Melo, E. N., Meneses, A. S., Silva Júnior, A. G., Wanderley Júnior, R. S. & Barros, M. V. G. (2012). Associação entre religiosidade, atividade física e comportamento sedentário em adolescentes. *Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde*, 17(5), 359-369.

Miller, A. S. & Stark, R. (2002). Gender and religiousness: Can socialization explanations be saved? *American Journal of Sociology*, 107(6), 1399-1423.

Miller, W. R. & Thoresen, C. E. (2003). Spirituality, religion, and health: An emerging research field. *American Psychologist*, 58(1), 24-35.

Moreira-Almeida, A., Pinsky, I., Zaleski, M., & Laranjeira, R. (2010). Envolvimento religioso e fatores sociodemográficos: Resultados de um levantamento nacional no Brasil. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 37(1), 12-15.

- Neri, M. C. & Melo, L. C. C. (2011). Novo mapa das religiões. *Horizonte*, 9(23), 637-673.
- Pandya, A. A. & Jogsan, Y. A. (2013). Personality and locus of control among school children. *Educational Research and Reviews*, 8(22), 2193-2196.
- Pearce, L. & Denton, M. L. (2011). *A faith of their own: Stability and change in the religiosity of America's adolescents*. New York, NY: Oxford University Press.
- Rew, L. & Wong, Y. J. (2006). A systematic review of associations among religiosity/spirituality and adolescent health attitudes and behaviors. *Journal of Adolescent Health*, 38, 433-442.
- Rosado-Nunes, M. J. (2005). Gênero e religião. *Estudos Feministas*, 13(2), 363-365. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n2/26888> in 1 de Setembro de 2014.
- Rotter, J. B. (1990). Internal versus external control of reinforcement: A case history of a variable. *American Psychologist*, 45(4), 489-493.
- Santos, J. F. & Marques, L. F. (2011). Percepções e Significados da Espiritualidade e Religiosidade para Adolescentes. In: XVIII Jornadas de Investigación. Séptimo Encuentro de Investigadores en Psicología Del MERCOSUR, 2011, Buenos Aires. Anais do Séptimo Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR, 2011.
- Silva, E. M. (2011). Entre religião, cultura e história: A escola italiana das religiões. *Revista de Ciências Humanas*, 11(2), 225-234.
- Spilman, S. K., Nepl, T. K., Donnellan, M. B., Schofield, T. J. & Conger, R. D. (2013). Incorporating religiosity into a developmental model of positive family functioning across generations. *Development Psychology*, 49(4), 762-774.
- Stolz, H. E., Olsen, J. A., Henke, T. M. & Barber, B. K. (2013). Adolescent religiosity and psychosocial functioning: Investigating the roles of religious tradition, national-ethnic group, and gender. *Child Development Research*, 2013, 1-13.
- Stroppa, A. & Moreira-Almeida, A. (2008). Religiosidade e saúde. In M. I. Salgado & G. Freire (Eds.), *Saúde e espiritualidade: Uma nova visão da medicina* (pp. 427-443). Belo Horizonte: Inede. Retrieved from http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/Art_Sumarios/Sumario_Autores_M.htm
- Velho, M. T. A. C., Quintana, A. M. & Rossi, A. G. (2013). Adolescência, autonomia e pesquisas em seres humanos. *Revista Bioética*, 22(1), 76-84.

Verona, A. P. A. & Dias Júnior, C. S. (2012). Religião e fecundidade entre adolescentes no Brasil. *Revista Panamericana de Salud Publica*, 31(1), 25-31.

Yonker, J. E., Schnabelrauch, C. A. & DeHaan, L. G. (2012). The relationship between spirituality and religiosity on psychological outcomes in adolescents and emerging adults: A meta-analytic review. *Journal of Adolescence*, 35, 299–314.

Yu, M. & Stiffman, A. R. (2010). Positive family relationships and religious affiliation as mediators between negative environment and illicit drug symptoms in American Indian adolescents. *Addictive Behaviors*, 35(7), 694-699.

Zenevicz, L., Moriguchi, Y. & Madureira, V. S. F. (2013). A religiosidade no processo de viver envelhecendo. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 47(2), 433-439.

ANEXO A

QUESTIONÁRIO JUVENTUDE BRASILEIRA

Código: _____ Data: ___/___/___ Escola: _____ Turma: _____

Bairro onde mora: _____ Cidade: _____ Estado: _____

1. Sexo: a. () Masculino b. () Feminino

2. Idade: _____ anos

3. Data de nascimento: ___/___/___

4. Cor:

- a. () Branca
- b. () Negra
- c. () Parda
- d. () Amarela
- e. () Indígena

5. Estado civil:

- a. () Solteiro
- b. () Casado
- c. () Mora junto
- d. () Separado/divorciado
- e. () Viúvo
- f. () Outros: _____

6. Com quem você mora? (Marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. () Pai
- b. () Mãe
- c. () Padrasto
- d. () Madrasta
- e. () Irmãos
- f. () Avô
- g. () Avó
- h. () Tios
- i. () Pais adotivos
- j. () Filho(s)
- k. () Companheiro(a)
- l. () Outros: _____

7. Quantas pessoas moram na sua casa incluindo você? _____

Quantos têm: até 5 anos _____
entre 6 e 14 anos _____
entre 15 e 24 anos _____
acima de 25 anos _____

8. Quem são as pessoas que mais contribuem para o sustento na sua casa?

a. () Você mesmo

b. () Outros: Quem? _____

9. Qual o total da renda mensal familiar do seu domicílio? Em média R\$ _____ () não sabe

10. Marque na tabela quais os itens que você possui na sua casa e quantos:

		Sim	Não	Quantos?
a	Banheiro			
b	Quartos			
c	Aparelho de vídeo cassete ou dvd			
d	TV a cores			
e	Rádio/aparelho de som			
f	Máquina de lavar roupa			
g	Geladeira			
h	Computador			
i	Aspirador de pó			
j	Empregada (doméstica/mensalista)			

11. Você ou sua família recebe algum tipo de bolsa ou auxílio (bolsa escola, bolsa alimentação, etc.)?

a. () Não

b. () Sim.

c. Que tipo? (Marque mais de uma resposta se for o caso)

a.() Bolsa família

b.() Bolsa de estudo

c.() Pró-Jovem

d.() PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil

e.() Outra _____

12. Qual é o grau de instrução de seu pai e da sua mãe? Marque com X:

		Pai	Mãe
a	Analfabeto		
b	Sabe ler, mas não foi à escola		
c	Fundamental incompleto (1º grau)		
d	Fundamental completo (1º grau)		
e	Médio incompleto (2º grau)		
f	Médio completo (2º grau)		
g	Superior incompleto (universitário)		
h	Superior completo (universitário)		
i	Pós-Graduação		
j	Não sei		

13. Sua escola é...?

a. () Pública

b. () Particular

14. Em qual série/etapa/ano escolar você está? _____

15. Qual o turno em que você frequenta a escola?

a. () Manhã

- b. () Tarde
- c. () Integral
- d. () Noite

16. Você já foi reprovado?

- a. () Não
- b. () Sim c. Quantas vezes? _____

17. Você já foi expulso de alguma escola?

- a. () Não
- b. () Sim c. Quantas vezes? _____
- d. Por quê? () Brigas () Faltas () Outro: _____

18. Por favor, marque com X no número que corresponde a sua opinião sobre as seguintes afirmativas:

- ①Discordo totalmente
- ②Discordo um pouco
- ③Não concordo nem discordo
- ④Concordo um pouco
- ⑤Concordo totalmente

a	Eu me sinto bem quando estou na escola	① ② ③ ④ ⑤
b	Gosto de ir para a escola	① ② ③ ④ ⑤
c	Gosto da maioria dos meus professores	① ② ③ ④ ⑤
d	Quero continuar meus estudos nessa escola	① ② ③ ④ ⑤
e	Posso contar com meus professores	① ② ③ ④ ⑤
f	Posso contar com técnicos da escola (orientador, coordenador)	① ② ③ ④ ⑤
g	Confio nos colegas da escola	① ② ③ ④ ⑤

19. Marque com um X TODAS as opções a seguir que estão relacionadas com a sua situação de trabalho remunerado:

a	() Nunca trabalhei
b	() Já trabalhei mas não trabalho atualmente
c	() Estou trabalhando
d	() Estou procurando trabalho
e	() Não estou procurando trabalho
f	() Trabalho em comércio (em loja, mercados, etc.)
g	() Trabalho na rua (vendendo coisas, reciclagem, catação, engraxate, vigiando ou limpando carros)
h	() Trabalho em casa (cuidado de crianças, limpando, passando, etc)
i	() Trabalho na agricultura, pecuária ou pesca
j	() Trabalho na área administrativa (<i>office-boy</i> , secretária, informática, etc.)
k	() Trabalho em indústria/fábrica
l	() Trabalho em outros lugares: _____
m	() Trabalho com carteira assinada
n	() Não trabalho com carteira assinada

20. Você alguma vez já teve que parar de estudar para trabalhar?

- a. () Não
- b. () Sim.

21. Se você trabalha atualmente:

- a. Qual a sua renda mensal média proveniente de seu trabalho atualmente? _____ reais
- b. Quantas horas por dia você dedica ao trabalho? _____ horas

22. Você tem alguma doença crônica (diabetes, AIDS, câncer, insuficiência renal, outra)?

- a. () Não
- b. () Sim Qual? _____

23. Você tem algum problema mental/psicológico ou dos nervos?

- a. () Não
- b. () Sim c. Qual? _____
- d. Você já procurou algum tipo de auxílio/tratamento? () sim () não

24. Você tem algum tipo de deficiência:

- a. () Não
- b. () Sim () Visual () Auditiva () Física () Outra Qual? _____

25. Qual o serviço de assistência à saúde você recorre? (pode marcar mais de um)

- a. () SUS – Sistema Único de Saúde
- b. () Plano de Saúde
- c. () Atendimento Particular
- d. () Outros

26. Com que frequência acessa o serviço de saúde?

- a. () Não tenho acesso aos serviços de saúde
- b. () De uma a três vezes por mês
- c. () Uma vez por mês
- d. () De 2 a 4 vezes a cada seis meses
- e. () Uma vez a cada seis meses
- f. () Uma vez ao ano

27. Você participa de alguma das atividades abaixo? (Marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. () Grêmios estudantis ou diretórios acadêmicos
- b. () Grupo de escoteiros ou bandeirantes
- c. () Grupo ou movimentos religiosos
- d. () Grupos musicais (coral, bandas, etc.)
- e. () Grupo de dança, teatro ou arte
- f. () Grupos ou movimentos políticos
- g. () Grupo de trabalho voluntário
- h. () Equipe esportiva

28. Com relação à sua religião/doutrina/crença, você se considera: (Marque mais de uma se for o caso)

- a. () Não acredito em Deus (ateu)
- b. () Sem religião (mas acredito em Deus)
- c. () Católico
- d. () Protestante

- e. () Evangélica
 f. () Espírita
 g. () Umbandista
 h. () Candomblé
 i. () Outro _____

29. Por favor, marque com X no número que mais corresponde a sua opinião sobre as seguintes afirmativas:

- ① Nunca
 ② Quase nunca
 ③ Às vezes
 ④ Quase Sempre
 ⑤ Sempre

a	A religião/espiritualidade tem sido importante para a minha vida	① ② ③ ④ ⑤
b	Costumo freqüentar encontros, cultos ou rituais religiosos	① ② ③ ④ ⑤
c	Costumo fazer orações no dia-a-dia	① ② ③ ④ ⑤
d	Costumo ler livros sagrados no dia-a-dia (Bíblia, Alcorão, etc.)	① ② ③ ④ ⑤
e	Costumo agradecer a Deus pelo que acontece comigo	① ② ③ ④ ⑤
f	Peço ajuda a Deus para resolver meus problemas	① ② ③ ④ ⑤
g	Costumo fazer orações quando estou em momentos difíceis	① ② ③ ④ ⑤
h	Busco ajuda da minha instituição religiosa (igreja, templo, etc.) quando estou em dificuldades	① ② ③ ④ ⑤
i	Sigo recomendações religiosas na minha vida diária	① ② ③ ④ ⑤

30. Agora vamos falar um pouco das suas relações com a família, especialmente entre você e seus pais (mãe, madrasta, pai, padrasto, ou outras pessoas que cuidam ou cuidaram de você).

Ao responder estas questões, pense em diferentes momentos que a sua família passou e nas diferentes pessoas com quem você mora/morou.

- ① Discordo totalmente
 ② Discordo um pouco
 ③ Não concordo nem

discordo

- ④ Concordo um pouco
 ⑤ Concordo totalmente

a	Costumamos conversar sobre problemas da nossa família	① ② ③ ④ ⑤
b	Meus pais raramente me criticam	① ② ③ ④ ⑤
c	Raramente ocorrem brigas na minha família	① ② ③ ④ ⑤
d	Quando estou com problemas, posso contar com a ajuda dos meus pais	① ② ③ ④ ⑤
e	Sinto que sou amado e tratado de forma especial pelos meus pais	① ② ③ ④ ⑤
f	Meus pais em geral sabem onde eu estou	① ② ③ ④ ⑤
g	Nunca sou humilhado por meus pais	① ② ③ ④ ⑤
h	Meus pais raramente brigam entre eles	① ② ③ ④ ⑤
i	Meus pais dão atenção ao que eu penso e ao que eu sinto	① ② ③ ④ ⑤
j	Meus pais conhecem meus amigos	① ② ③ ④ ⑤
k	Eu me sinto aceito pelos meus pais	① ② ③ ④ ⑤
l	Meus pais me ajudam quando eu preciso de dinheiro, comida ou roupa	① ② ③ ④ ⑤
m	Costumo conversar com meus pais sobre decisões que preciso tomar	① ② ③ ④ ⑤

n	Meus pais sabem com quem eu ando	① ② ③ ④ ⑤
o	Eu me sinto seguro com meus pais	① ② ③ ④ ⑤

31. Identifique situações que VOCÊ já viveu COM SUA FAMÍLIA, relacionadas aos eventos na coluna 1 e a seguir responda às questões:

Tipo de situação	A. Já aconteceu?	B. Em geral, com que frequência esta situação acontecia?	C. Em geral, o quão ruim foi para você esta situação?	D. Indique quem fez isto com mais frequência?
a) Ameaça ou humilhação	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	<input type="checkbox"/> nunca <input type="checkbox"/> quase nunca <input type="checkbox"/> às vezes <input type="checkbox"/> quase sempre <input type="checkbox"/> sempre	<input type="checkbox"/> nada ruim <input type="checkbox"/> um pouco ruim <input type="checkbox"/> mais/menos ruim <input type="checkbox"/> muito ruim <input type="checkbox"/> horrível	A <input type="checkbox"/> mãe B <input type="checkbox"/> madrasta C <input type="checkbox"/> pai D <input type="checkbox"/> padrasto E <input type="checkbox"/> irmãos F <input type="checkbox"/> avós G <input type="checkbox"/> outros: _____ —
b) Soco ou surra	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	<input type="checkbox"/> nunca <input type="checkbox"/> quase nunca <input type="checkbox"/> às vezes <input type="checkbox"/> quase sempre <input type="checkbox"/> sempre	<input type="checkbox"/> nada ruim <input type="checkbox"/> um pouco ruim <input type="checkbox"/> mais/menos ruim <input type="checkbox"/> muito ruim <input type="checkbox"/> horrível	A <input type="checkbox"/> mãe B <input type="checkbox"/> madrasta C <input type="checkbox"/> pai D <input type="checkbox"/> padrasto E <input type="checkbox"/> irmãos F <input type="checkbox"/> avós G <input type="checkbox"/> outros: _____
c) Agressão com objeto (madeira, cinto, fio, cigarro, etc.)	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	<input type="checkbox"/> nunca <input type="checkbox"/> quase nunca <input type="checkbox"/> às vezes <input type="checkbox"/> quase sempre <input type="checkbox"/> sempre	<input type="checkbox"/> nada ruim <input type="checkbox"/> um pouco ruim <input type="checkbox"/> mais/menos ruim <input type="checkbox"/> muito ruim <input type="checkbox"/> horrível	A <input type="checkbox"/> mãe B <input type="checkbox"/> madrasta C <input type="checkbox"/> pai D <input type="checkbox"/> padrasto E <input type="checkbox"/> irmãos F <input type="checkbox"/> avós G <input type="checkbox"/> outros: _____ —
d) Mexeu no meu corpo contra a minha vontade	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	<input type="checkbox"/> nunca <input type="checkbox"/> quase nunca <input type="checkbox"/> às vezes <input type="checkbox"/> quase sempre <input type="checkbox"/> sempre	<input type="checkbox"/> nada ruim <input type="checkbox"/> um pouco ruim <input type="checkbox"/> mais/menos ruim <input type="checkbox"/> muito ruim <input type="checkbox"/> horrível	A <input type="checkbox"/> mãe B <input type="checkbox"/> madrasta C <input type="checkbox"/> pai D <input type="checkbox"/> padrasto E <input type="checkbox"/> irmãos F <input type="checkbox"/> avós G <input type="checkbox"/> outros: _____
e) Relação sexual forçada	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	<input type="checkbox"/> nunca <input type="checkbox"/> quase nunca <input type="checkbox"/> às vezes <input type="checkbox"/> quase sempre <input type="checkbox"/> sempre	<input type="checkbox"/> nada ruim <input type="checkbox"/> um pouco ruim <input type="checkbox"/> mais/menos ruim <input type="checkbox"/> muito ruim <input type="checkbox"/> horrível	A <input type="checkbox"/> mãe B <input type="checkbox"/> madrasta C <input type="checkbox"/> pai D <input type="checkbox"/> padrasto E <input type="checkbox"/> irmãos F <input type="checkbox"/> avós

				G <input type="checkbox"/> outros: _____ —
--	--	--	--	--

32. Você tem algum amigo próximo que usa drogas?

- a. () Não b. () Sim. () drogas lícitas (bebida alcoólica, cigarro)
() drogas ilícitas (*crack*, cocaína, cola, etc)

33. Você tem algum familiar que usa drogas?

- a. () Não b. () Sim. () drogas lícitas (bebida alcoólica, cigarro)
() drogas ilícitas (*crack*, cocaína, cola, etc)

34. Quanto a você, responda às questões abaixo:

	Tipo	Já experimentou ao menos uma vez na vida?	Que idade você tinha quando usou pela 1ª vez?
A	Bebida alcoólica	a. () Não b. () Sim	
B	Cigarro comum	a. () Não b. () Sim	
C	Maconha	a. () Não b. () Sim	
D	Cola, solventes, <i>thinner</i> , lança-perfume, acetona	a. () Não b. () Sim	
E	Cocaína	a. () Não b. () Sim	
F	<i>Crack</i>	a. () Não b. () Sim	
G	<i>Ecstasy</i>	a. () Não b. () Sim	
H	Remédio para emagrecer sem receita médica	a. () Não b. () Sim	
I	Anabolizante	a. () Não b. () Sim	
J	Remédio para “ficar doidão”	a. () Não b. () Sim	
K	Chá para “ficar doidão”	a. () Não b. () Sim	
L	Outra _____	a. () Não b. () Sim	

35. Se você nunca experimentou drogas pule para a questão 41. Se você já experimentou, responda qual foi a primeira droga que você usou? _____

36. Caso você já tenha experimentado alguma droga, responda às questões abaixo:

	Tipo	Usou no ÚLTIMO ANO?	Usou no ÚLTIMO MÊS? Marque com um X			
			Não usou no último mês	Usou menos de 1 vez por semana	Usou de 1 a 4 vezes/semana	Usou 5 ou mais vezes/semana
a	Bebida alcoólica	a. () Não b. () Sim				
b	Cigarro comum	a. () Não b. () Sim				
c	Maconha	a. () Não b. () Sim				
d	Cola, solventes, lança-perfume, <i>thinner</i> , acetona	a. () Não b. () Sim				
e	Cocaína	a. () Não b. () Sim				

f	<i>Crack</i>	a. () Não b. () Sim				
g	<i>Ecstasy</i>	a. () Não b. () Sim				
h	Remédio para emagrecer sem receita médica	a. () Não b. () Sim				
i	Anabolizante	a. () Não b. () Sim				
j	Remédio para “ficar doidão”	a. () Não b. () Sim				
k	Chá para “ficar doidão”	a. () Não b. () Sim				
l	Outra: _____	a. () Não b. () Sim				

37. Se você consome drogas, você o faz quando: (Marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. () Está sozinho
- b. () Está com amigos
- c. () Está com algum familiar
- d. () Está com o(a) namorado(a)
- e. () Outros. Quem? _____

38. Você já **pensou** em parar de usar alguma droga?

- a. () Não (pule para a questão 41)
- b. () Sim

39. Já **tentou** (de fato) parar de usar alguma substância?

- a. () Nunca tentei parar, pois nunca usei nenhuma substância regularmente
- b. () Nunca tentei parar, apesar de usar ou já ter usado regularmente alguma substância
- c. () Sim, já tentei parar (então preencha a tabela abaixo)

	A – Tentou parar	B – Conseguiu parar de usar
1. Álcool	A () Não B () Sim	A () Não B () Sim C () Parou por um tempo e depois voltou
2. Tabaco	A () Não B () Sim	A () Não B () Sim C () Parou por um tempo e depois voltou
3. Solventes	A () Não B () Sim	A () Não B () Sim C () Parou por um tempo e depois voltou
4. Maconha	A () Não B () Sim	A () Não B () Sim C () Parou por um tempo e depois voltou
5. Cocaína	A () Não B () Sim	A () Não B () Sim C () Parou por um tempo e depois voltou
6. <i>Crack</i>	A () Não B () Sim	A () Não B () Sim C () Parou por um tempo e depois voltou
7. Outra: _____	A () Não B () Sim	A () Não B () Sim C () Parou por um tempo e depois voltou

40. Se você já tentou parar de usar drogas, alguém ajudou você nesta tentativa? (Marque mais de uma resposta se for o caso)

1. () Tentei sozinho
2. () Tentei com um amigo/grupo de amigos
3. () Alguém da igreja
4. () Alguém de escola
5. () Alguém do hospital, posto de saúde ou comunidade terapêutica
6. () Alguém da família
7. () Outros _____

41. Onde você obtém informações sobre sexo? Marque com um X no número que correspondente a frequência:

- ① Nunca
- ② Quase nunca
- ③ Às vezes
- ④ Quase sempre
- ⑤ Sempre

A	Família	① ② ③ ④ ⑤
B	Amigos	① ② ③ ④ ⑤
C	Escola (professores, funcionários, coordenadores diretores, etc.)	① ② ③ ④ ⑤
D	Líderes religiosos (padre, pastor, pai de santo, etc.)	① ② ③ ④ ⑤
E	Organização não governamental (ONG)	① ② ③ ④ ⑤
F	Televisão	① ② ③ ④ ⑤
G	Internet	① ② ③ ④ ⑤
H	Rádio	① ② ③ ④ ⑤
I	Jornal, revista ou livro	① ② ③ ④ ⑤

42. Você já teve relações sexuais (transou) alguma vez?

- a. () Não (pule para a questão 62)
- b. () Sim
 - c. Quantos anos você tinha “na primeira vez”? _____ anos
 - d. Quantos anos o(a) parceiro(a) tinha? _____ anos () Não sei
 - e. Com quem foi? () Namorado(a) () Vizinho(a) () Parente. Qual? _____
- () Outro _____
- f. A primeira relação sexual () foi desejada () foi forçada

43. Você já transou com:

- a. () Meninas/mulheres
- b. () Meninos/homens
- c. () Ambos sexos

44. NO ÚLTIMO ANO, nas suas transas, você teve: (Marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. () Parceiro(a) FIXO(a) [namorado(a), companheiro(a), esposa/marido]
 Quantos ___namorado(a) ___companheiro(a) ___esposa/marido
- b. () Parceiro(a) NÃO-FIXO(a) Quantos(as): _____

45. NO ÚLTIMO ANO, com que frequência você ou seu parceiro usou camisinha?

- a. () Nunca
- b. () Poucas vezes

- c. () Muitas vezes, mas não em todas
- d. () Sempre (pule para a questão 47)

46. NO ÚLTIMO ANO, nas vezes em que você NÃO USOU camisinha, por que motivo você não usou? (Marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. () Não tinha camisinha
- b. () Não tinha dinheiro para comprar
- c. () Não gosto
- d. () Camisinha machuca/incomoda
- e. () Não acho que seja importante
- f. () Não lembrei de colocar
- g. () Estava sob efeito de álcool
- h. () Estava sob efeito de drogas
- i. () Meu parceiro(a) não aceita
- j. () Porque confio no meu parceiro(a)
- k. () Porque usa anticoncepcional (pílula)
- l. () Outro motivo: _____

47. NO ÚLTIMO ANO, nas vezes em que você USOU camisinha, por que motivo você usou? (Marque mais de 1 se for o caso)

- a. () Para evitar doenças
- b. () Para evitar AIDS
- c. () Para evitar gravidez
- d. () Porque o (a) parceiro (a) exigiu
- e. () Porque é importante usar
- f. () Porque dizem que é bom usar
- g. () Porque é mais limpo (higiene)
- h. () Não sei
- i. () Outros: _____

48. Atualmente, você possui algum parceiro FIXO [namorado(a), companheiro(a), esposa/marido]:

- a. () Não
- b. () Sim

49. Na última vez que você transou, você ou seu parceiro(a) usou camisinha?

- | | |
|--|-------------------------|
| Com parceiro FIXO (namorado(a), companheiro(a), esposa/marido) | Com parceiros NÃO-FIXOS |
| a. () Não | a. () Não |
| b. () Sim | b. () Sim |
| c. () Não lembra | c. () Não lembra |

50. No ÚLTIMO MÊS, você carregou camisinha com você alguma vez?

- a. () Não
- b. () Sim Quantos dias você carregou camisinha com você? _____

51. Onde você costuma pegar camisinha? (Marque mais de 1 se for o caso)

- a. () Não costumo pegar camisinha
- b. () Busco/recebo na Rede/SUS
- c. () Compro na farmácia/supermercado
- d. () Compro de vendedores ambulantes
- e. () Busco/recebo em instituições ou ONGs
- g. () Ganho de conhecidos ou amigos
- h. () Troco por objetos/favores

52. Você já teve alguma Doença Sexualmente Transmissível/DST (doença que se pega através de sexo e pode gerar corrimento, coceira, ardência ou feridas nos órgãos sexuais)?

- a. () Não
- b. () Sim Quantas vezes? _____ Quais doenças? _____
- c. () Não sabe

53. Alguma vez você já fez sexo em troca de dinheiro, favores ou vantagens?

- a. () Não (pule para questão 54)
- b. () Sim

Em geral, com que frequência você faz/fazia sexo em troca de dinheiro, favor ou vantagem?(Resposta única)

- ___ vezes por semana
- ___ vezes por mês
- ___ vezes por ano
- ___ vezes na vida

54. Nas vezes em que você fez sexo por dinheiro, favor ou vantagem, com que frequência você usou camisinha?

- a. () Nunca
- b. () Poucas vezes
- c. () Muitas vezes, mas não em todas
- d. () Sempre

55. Você usa algum método para evitar gravidez?

- a. () Não
- b. () Sim Quais? Marque mais de uma resposta se precisar.
 - a. () Camisinha
 - b. () Coito interrompido (interromper a transa antes do orgasmo masculino)
 - c. () Pílula anticoncepcional
 - d. () Injeção/implante/adesivo
 - e. () Tabela / ritmo / calendário
 - f. () DIU
 - g. () Outro: _____

56. Onde você/sua parceira costuma obter anticoncepcionais? (Marque mais de 1 se for o caso)

- a. () Não costumo obter anticoncepcionais
- b. () Busca/recebe na Rede/SUS
- c. () Compra na farmácia
- d. () Compra de vendedores ambulantes
- e. () Busca/recebe em instituições para meninos(as) em situação de rua
- f. () Busca/recebe em ONG
- g. () Ganha de conhecidos
- h. () Troca por objetos/favores
- i. () Outros: _____
- j. () Não sabe

57. Você já engravidou alguém/esteve grávida?

- a. () Não (pule para a questão 61)
- b. () Sim c. Quantas vezes? _____

- d. Que idade tinha quando engravidou/ficou grávida na primeira vez? _____
- e. A sua gravidez foi desejada? a. () Não b. () Sim
- f. Quantos filhos(as) vivos(as) você tem? _____
- g. Com quantas pessoas você já teve filho? _____

58. Alguma das situações abaixo ocorreu com você em consequência da PRIMEIRA gravidez? (+ de 1 resposta)

- a. () Interrompeu os estudos
- b. () Casou ou foi morar junto com o pai/mãe da criança
- c. () Precisou começar a trabalhar
- d. () Precisou parar de trabalhar
- e. () Família não aceitou a gravidez
- f. () Família ou parceiro(a) sugeriu fazer aborto
- g. () Parou de fumar
- h. () Parou de usar drogas
- i. () Não precisou mais ter que cuidar dos irmãos menores
- j. () Passou a ser mais respeitada(o) dentro de casa
- l. () Terminou o namoro/relação

59. Durante a ÚLTIMA gravidez, você/sua parceira fizeram algum exame médico para acompanhar a gravidez?

- a. () Não
- b. () Sim Quantas vezes? _____
- c. () Não sabe

60. Com quem moram seus filhos hoje? (Marque mais de uma resposta se for o caso) (Escreva o número de filhos)

- a. () Com ambos os pais _____
- b. () Apenas comigo _____
- c. () Apenas com o pai/mãe _____
- d. () Avós paternos _____
- e. () Avós maternos _____
- f. () Outro parente _____
- g. () Abrigos _____
- h. () Família adotiva _____
- i. () Na rua _____
- j. () Não sei _____

61. Você/sua parceira já teve algum aborto?

- a. () Não sabe
- b. () Não
- c. () Sim Quantas vezes? _____ Natural _____ Provocado

62. Identifique situações que você já viveu FORA DE CASA, na coluna 1 e a seguir responda às questões:

Tipo de situação	A. Já aconteceu?	B. Em geral, com que frequência esta situação acontecia?	C. Em geral, o quão ruim foi para você esta situação?	D. Indique quem fez isto com mais frequência?
a) Ameaça ou humilhação	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① nunca ② quase nunca	① nada ruim ② um pouco ruim	A <input type="checkbox"/> amigos B <input type="checkbox"/> colegas de escola

		③ às vezes ④ quase sempre ⑤ sempre	③ mais/menos ruim ④ muito ruim ⑤ horrível	C <input type="checkbox"/> vizinhos D <input type="checkbox"/> professores/monitores E <input type="checkbox"/> policiais F <input type="checkbox"/> desconhecidos G <input type="checkbox"/> outros: _____
b) Soco ou surra	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① nunca ② quase nunca ③ às vezes ④ quase sempre ⑤ sempre	① nada ruim ② um pouco ruim ③ mais/menos ruim ④ muito ruim ⑤ horrível	A <input type="checkbox"/> amigos B <input type="checkbox"/> colegas de escola C <input type="checkbox"/> vizinhos D <input type="checkbox"/> professores/monitores E <input type="checkbox"/> policiais F <input type="checkbox"/> desconhecidos G <input type="checkbox"/> outros:
c) Agressão com objeto (madeira, cinto, fio, cigarro, etc.)	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① nunca ② quase nunca ③ às vezes ④ quase sempre ⑤ sempre	① nada ruim ② um pouco ruim ③ mais/menos ruim ④ muito ruim ⑤ horrível	A <input type="checkbox"/> amigos B <input type="checkbox"/> colegas de escola C <input type="checkbox"/> vizinhos D <input type="checkbox"/> professores/monitores E <input type="checkbox"/> policiais F <input type="checkbox"/> desconhecidos G <input type="checkbox"/> outros:
d) Mexeu no meu corpo contra a minha vontade	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① nunca ② quase nunca ③ às vezes ④ quase sempre ⑤ sempre	① nada ruim ② um pouco ruim ③ mais/menos ruim ④ muito ruim ⑤ horrível	A <input type="checkbox"/> amigos B <input type="checkbox"/> colegas de escola C <input type="checkbox"/> vizinhos D <input type="checkbox"/> professores/monitores E <input type="checkbox"/> policiais F <input type="checkbox"/> desconhecidos G <input type="checkbox"/> outros:
e) Relação sexual forçada	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① nunca ② quase nunca ③ às vezes ④ quase sempre ⑤ sempre	① nada ruim ② um pouco ruim ③ mais/menos ruim ④ muito ruim ⑤ horrível	A <input type="checkbox"/> amigos B <input type="checkbox"/> colegas de escola C <input type="checkbox"/> vizinhos D <input type="checkbox"/> professores/monitores E <input type="checkbox"/> policiais F <input type="checkbox"/> desconhecidos G <input type="checkbox"/> outros:

63. Dentre os eventos abaixo, indique quais os que já aconteceram em sua vida, e escolha o número que mais representa o quão ruim foi esta situação para você:

- ① Nada Ruim
- ② Um Pouco Ruim
- ③ Mais ou Menos
- ④ Muito Ruim
- ⑤ Horrível

	A - Já aconteceu?	B - O quão ruim foi?
a) O nível econômico da minha família baixou de uma hora	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤

para outra		
b) Alguém em minha casa está desempregado	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤
c) Meus pais se separaram	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤
d) Já estive internado em instituição (abrigo, orfanato)	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤
e) Já fugi de casa	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤
f) Já morei na rua	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤
g) Já dormi na rua	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤
h) Já trabalhei na rua	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤
i.) Alguém da minha família está ou esteve preso	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤
j) Sofri algum acidente grave	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤
l) Alguém muito importante pra mim faleceu	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤
m) Já passei fome	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤
n) Meu pai/mãe casou de novo	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤
o) Meu pai/minha mãe teve filho com outros parceiros	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤
p) Já fui assaltado(a)	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤
q) Já cumpri medida socio-educativa sem privação de liberdade	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤
r) Já estive privado de liberdade (Instituição fechada)	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤
s) Já fui levado para o Conselho Tutelar	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤
t) Já tive problemas com a justiça	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤
u) Já tive problemas com a polícia	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	① ② ③ ④ ⑤

64. Em algum momento da sua vida você já se envolveu em situações ilegais como as citadas abaixo?

Marque todas que já aconteceram:

- a. () Envolvimento em brigas com agressão física/violência contra pessoas
- b. () Destruição de propriedade
- c. () Envolvimento em pichação
- d. () Assaltou alguém
- e. () Roubou algo
- e. () Vendeu drogas
- f. () Outra. Qual? _____

65. Ao longo da vida, sofro ou sofri preconceito:

- ① Nunca
- ② Quase nunca
- ③ Às vezes
- ④ Quase sempre
- ⑤ Sempre

a) Por morar onde moro (bairro, favela)	① ② ③ ④ ⑤
b) Pelo fato de ser homem ou ser mulher	① ② ③ ④ ⑤
c) Pela cor da minha pele	① ② ③ ④ ⑤
d) Por estudar em uma determinada escola	① ② ③ ④ ⑤
e) Por causa do trabalho dos meus pais	① ② ③ ④ ⑤
f) Por causa do meu nível socioeconômico	① ② ③ ④ ⑤
g) Por causa da minha religião	① ② ③ ④ ⑤
h) Por causa da minha aparência física	① ② ③ ④ ⑤
i) Por ser deficiente	① ② ③ ④ ⑤
j) Pelas minhas escolhas sexuais	① ② ③ ④ ⑤

l) Por ter a idade que eu tenho	① ② ③ ④ ⑤
m) Por causa do meu trabalho	① ② ③ ④ ⑤

66. Você já pensou em se matar?

- a. () Não (pule para a questão 69)
b. () Sim Quantas vezes: _____

67. Você já tentou se matar?

- a. () Não
b. () Sim Quantas vezes: _____
c. Quantos anos você tinha quando tentou se matar pela primeira vez? _____
d. Quando você tentou se matar, como foi que você fez? (Marque mais de uma resposta se for o caso)
- | | |
|--|--------------------------|
| a. () Com faca, tesoura, canivete | a1. Quantas vezes: _____ |
| b. () Com revólver | b1. Quantas vezes: _____ |
| c. () Enforcado | c1. Quantas vezes: _____ |
| d. () Com remédios, venenos | d1. Quantas vezes: _____ |
| e. () Atropelamento | e1. Quantas vezes: _____ |
| f. () Queda provocada (viadutos, edifícios,...) | f1. Quantas vezes: _____ |
| g. () Com fogo | g1. Quantas vezes: _____ |
| h. () Outro: _____ | h1. Quantas vezes: _____ |

68. Marque com um X no número correspondente à sua opinião sobre as seguintes afirmações:

- ① Nunca
② Quase nunca
③ Às vezes
④ Quase sempre
⑤ Sempre

a	Eu sinto que pertencço a minha comunidade/bairro	① ② ③ ④ ⑤
b	Eu posso confiar nas pessoas da minha comunidade/bairro	① ② ③ ④ ⑤
c	Eu me sinto seguro na minha comunidade/bairro	① ② ③ ④ ⑤
d	Eu posso contar com meus vizinhos quando preciso deles	① ② ③ ④ ⑤
e	Eu posso contar com alguma organização/instituição comunitária quando preciso	① ② ③ ④ ⑤
f	Minha comunidade tem melhorado nos últimos cinco anos	① ② ③ ④ ⑤

69. O que você costuma fazer quando não está estudando ou trabalhando? (marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. () Praticar esportes
b. () Jogar/brincar
c. () Passear
d. () Assistir TV
e. () Ouvir ou tocar música
f. () Desenhar/pintar/artesanato
g. () Namorar
i. () Descansar
j. () Navegar na Internet
k. () Ir a festas
l. () Cinema ou teatro
m. () Ler livros, revistas ou quadrinhos
n. () Outros _____

70. Você tem (marque todos que se referem a sua situação):

- a. Celular pré-pago
- b. Celular de conta (pós-pago)
- c. Acesso a televisão com canais abertos
- d. Acesso à televisão por assinatura
- e. Acesso à internet. f. Se você tem internet, você acessa a partir de:
 - a. Casa
 - b. Escola
 - c. Lan House, Cybercafé
 - d. Trabalho
 - e. Outro local. Qual ?

71. Com que frequência você utiliza a Internet:

- a. não utilizo
- b. uma ou duas vezes por mês
- c. apenas aos finais de semana
- d. de um a dois dias por semana
- e. entre três e cinco dias por semana
- f. todos os dias

72. Em média, quando você se conecta, quanto tempo fica conectado:

- Não me conecto a Internet
- Menos de meia hora
- De meia a uma hora
- De uma a três horas
- De três horas a cinco horas
- Mais de cinco horas

73. Se você usa a Internet, você a utiliza para: (Marque mais de uma resposta se necessário).

- Me comunicar com as pessoas (*e-mail*, orkut, msn, etc.)
- Baixar músicas, jogos, filmes
- Fazer trabalhos da escola
- Navegar em sites de meu interesse
- Fazer/escrever blogs
- Jogar
- Comprar coisas
- Outra atividade. Qual? _____

74. Marque com um X no número que corresponde à sua opinião sobre as seguintes afirmações:

- ① Nunca
- ② Quase nunca
- ③ Às vezes
- ④ Quase sempre
- ⑤ Sempre

a	Sinto que sou uma pessoa de valor como as outras pessoas	① ② ③ ④ ⑤
b	Eu sinto vergonha de ser do jeito que sou	① ② ③ ④ ⑤
c	Às vezes, eu penso que não presto para nada	① ② ③ ④ ⑤

d	Sou capaz de fazer tudo tão bem como as outras pessoas	① ② ③ ④ ⑤
e	Levando tudo em conta, eu me sinto um fracasso	① ② ③ ④ ⑤
f	Às vezes, eu me sinto inútil	① ② ③ ④ ⑤
g	Eu acho que tenho muitas boas qualidades	① ② ③ ④ ⑤
h	Eu tenho motivos para me orgulhar na vida	① ② ③ ④ ⑤
i	De modo geral, eu estou satisfeito(a) comigo mesmo(a)	① ② ③ ④ ⑤
j	Eu tenho uma atitude positiva com relação a mim mesmo (a)	① ② ③ ④ ⑤

75. Marque com um X no número que corresponde à sua opinião sobre as seguintes afirmações:

- ① Não é verdade a meu respeito
- ② É dificilmente verdade a meu respeito
- ③ É moderadamente verdade a meu respeito
- ④ É totalmente verdade a meu respeito

a	Se estou com problemas, geralmente encontro uma saída	① ② ③ ④ ⑤
b	Mesmo que alguém se oponha eu encontro maneiras e formas de alcançar o que quero	① ② ③ ④ ⑤
c	Tenho confiança para me sair bem em situações inesperadas	① ② ③ ④ ⑤
d	Eu posso resolver a maioria dos problemas, se fizer o esforço necessário	① ② ③ ④ ⑤
e	Quando eu enfrento um problema, geralmente consigo encontrar diversas soluções	① ② ③ ④ ⑤
f	Consigo sempre resolver os problemas difíceis quando me esforço bastante	① ② ③ ④ ⑤
g	Eu acho que sou capaz de fazer coisas tão bem quanto a maioria das pessoas	① ② ③ ④ ⑤
h	Tenho facilidade para persistir em minhas intenções e alcançar meus objetivos	① ② ③ ④ ⑤
i	Devido às minhas capacidades, sei como lidar com situações imprevistas	① ② ③ ④ ⑤
j	Eu me mantenho calmo mesmo enfrentando dificuldades porque confio na minha capacidade de resolver problemas	① ② ③ ④ ⑤
l	Eu geralmente consigo enfrentar qualquer adversidade.	① ② ③ ④ ⑤

76. Use a seguinte escala para indicar suas chances de:

- ① Muito Baixas
- ② Baixas
- ③ Cerca de 50%
- ④ Altas
- ⑤ Muito Altas

A	Concluir o ensino médio (segundo grau)	① ② ③ ④ ⑤
B	Entrar na Universidade	① ② ③ ④ ⑤
C	Ter um emprego que me garanta boa qualidade de vida	① ② ③ ④ ⑤
D	Ter minha casa própria	① ② ③ ④ ⑤
E	Ter um trabalho que me dará satisfação	① ② ③ ④ ⑤
F	Ter uma família	① ② ③ ④ ⑤
G	Ser saudável a maior parte do tempo	① ② ③ ④ ⑤
H	Ser respeitado na minha comunidade	① ② ③ ④ ⑤
I	Ter amigos que me darão apoio	① ② ③ ④ ⑤

77. Neste espaço você pode colocar o que achou deste questionário e/ou mencionar algo que considera importante e/ou que não foi perguntado:
